

Universidade Católica de Brasília
Pós-Graduação *Lato-sensu* Filosofia e Existência
Eufrasio Prates

Monografia

Os conceitos de interpretante na semiótica de Peirce:
uma hermenêutica das tricotomias interpretativas

Orientador: Prof. Maximino Basso
Brasília, 2005

Autor: Eufrazio Prates

Título: Os conceitos de interpretante na semiótica de Peirce

Subtítulo: Uma hermenêutica das tricotomias interpretativas

Instituição: Universidade Católica de Brasília

Curso: Pós-Graduação *Lato-sensu* Filosofia e Existência

Orientador: Maximino Basso

Local: Brasília

Ano: 2005

Termo de Aprovação

Monografia submetida ao Programa de Pós-Graduação *Lato-sensu* Filosofia e Existência da Universidade Católica de Brasília, em 2005.

Aprovada em ___/___/___ pela banca examinadora composta pelos professores

Maximino Basso (orientador)

Luiz Cláudio Batista de Oliveira

Fernando Bastos

AGRADECIMENTOS

Este trabalho deve muito ao apoio, direto e indireto, de diversas pessoas. As duas primeiras são Lúcia Santaella, responsável por despertar minha atenção para a questão crucial da interpretação na perspectiva semiótica de Peirce, e Fernando Bastos, orientador de meu mestrado, por nossos debates sobre seu criativo trabalho de especulação sobre possíveis aproximações filosóficas entre a hermenêutica e a semiótica.

Agradeço também aos professores do curso de Pós-Graduação *Lato-sensu* em Filosofia e Existência da Universidade Católica de Brasília, particularmente ao Prof. Maximino Basso, orientador que me deu simultaneamente estímulo e liberdade para conduzi-lo de forma acima de tudo prazerosa.

Manifesto ainda minha gratidão aos organizadores do VI Congresso da FELS - Federação Latinoamericana de Semiótica, José Enrique Finol, Dobrila de Nery, María Gracia Romero e Iraima Georgina Palencia, todos docentes e pesquisadores da Universidad del Zulia (Maracaibo – Venezuela), que me convidaram a apresentar esta pesquisa numa conferência plenária, permitindo que sofresse a avaliação e crítica dos mais importantes semioticistas da América Latina, dentre os quais destaco Eduardo Peñuela Canizal (USP – Brasil), José María Paz Gago (Universidad de La Coruña – España), Fernando Andacht (Uruguay) e Juan Margariños de Morentín (Universidad de Buenos Aires – Argentina), por seus comentários, questionamentos e sugestões. Merece um agradecimento especial Neyla Pardo, por me convidar a consultar os Manuscritos de Peirce disponíveis na Universidad Nacional de Colombia em Bogotá, como forma de aprimorar essa investigação.

Da mesma forma, sou grato a diversos amigos, colegas e alunos, não citados nominalmente por uma questão de espaço, por me apoiarem nos momentos de dúvida e dificuldade, em alguns casos bastando demonstrar-me seu afeto.

Por fim, mas com importância primeira, agradeço a meus filhos Tatiana, Henrique, Thisbe e Priscila por terem generosamente abdicado de parte de seu tempo comigo, garantindo-me também energia e estímulo para mais esse empreendimento.

A todos, meus mais profundos agradecimentos.

Eufrasio Prates

SUMÁRIO

À guisa de introdução: aceitação do caráter “urobórico” de uma reflexão interpretativa sobre a interpretação (ou propostas e limites do método)	6
1. Da semiótica e de sua posição na arquitetura das ciências de Peirce ..	12
2. Do interpretante na semiótica de Peirce, suas principais definições e tricotomias	24
3. Das tricotomias do interpretante peirceano e de suas perspectivas pragmáticas de análise e criação semiósicas	31
À guisa de conclusão: modelos complexos para tempos complexos	45
Referências bibliográficas	48

À guisa de introdução: aceitação do caráter “urobórico” de uma reflexão interpretativa sobre a interpretação (ou propostas e limites do método)

[...] se a filosofia é feita na suposição de que pode fazer reflexões sobre uma realidade independente, está desconhecendo o fenômeno humano, pois está pretendendo uma capacidade operacional que não tem. Depois desta reflexão, a filosofia tem que mudar. Tem que mudar porque tem que assumir a dinâmica humana biológica no processo explicativo: certamente tem que assumir a participação das emoções na reflexão sobre o humano, na reflexão sobre o social e na reflexão ética.

Humberto Maturana¹

Do pensador Charles Sanders Peirce e sua Semiótica

Ser incompreendido em sua época é um traço comum a muitos seres humanos cujo trabalho tenha revolucionado os paradigmas vigentes. De Tales de Mileto a Heidegger, diversos pensadores se destacaram por sua forma inovadora de questionar os fundamentos dos modelos sob os quais viviam e por estabelecer novas referências de compreensão da realidade. Sob a égide da genialidade, essas personalidades se destacam por sua capacidade de dar novos sentidos para a interpretação ordinária do mundo. É previsível, portanto, que encontrem resistência e dificuldade em apresentar, defender e ter aceitas idéias que vingam exatamente por sua magnitude. Charles Sanders Peirce (Cambridge-USA 1839-1914), cognominado “o Kant da filosofia americana” por Apel (2000: 187), certamente pode se classificar entre pensadores dessa classe. Como bem aponta Deuser, a “tensão entre universalidade ideal e realidade individual” (2000: 272), dilema reinante na filosofia ocidental desde Platão², vai encontrar nas categorias aristotélicas e kantianas duas importantes sínteses da consciência metodológica que orientam a teoria científica. Depois deles, uma importante contribuição epistemológica foi a “palestra que Peirce proferiu em 1867, intitulada *Uma nova lista de categorias*, que, vista *a posteriori* e sem que se tenha feito muito estardalhaço em

¹ “*Cognição, ciência e vida cotidiana*” (2001: 52).

² E até mesmo antes, com os pensadores originários.

torno disso, determinou uma profunda mudança na filosofia” (*ibidem*). Deuser continua (*ibidem*):

O que motivou o conceito de categorias de Peirce foram as ciências naturais modernas e os resultados das novas pesquisas da lógica matemática de seu tempo – conjugadas e em confronto com as posições clássicas, escolásticas, empíricas e idealistas da história da filosofia.

A extensa obra de Peirce – publicada postumamente, salvo alguns artigos divulgados em vida – vem contribuindo cada vez mais para o delineamento de uma nova visão de mundo na última centúria. Como aponta Rosenthal, num trabalho em que defende Peirce como um pragmático pluralista, o pensador escapa dos dualismos que cindem o fundacionalismo, o realismo ou o objetivismo do anti-fundacionalismo, anti-realismo ou relativismo orientando seu pensamento segundo um “novo paradigma no qual essas populares [...] dicotomias se tornam irrelevantes” (1994: 20). Apartado um certo radicalismo dessa posição, provavelmente resultante da necessidade de escapar às leituras redutoras de um pensador complexo, Rosenthal enfatiza que Peirce põe sob convívio, tenso como era de se esperar, o idealismo e o realismo, o naturalismo e o transcendentalismo, o nominalismo e o intuicionismo. Dos contributos de Peirce – difíceis de apreender como conjunto, pois vão da matemática aos estudos geodésicos, passando pela lógica, metafísica, ciência experimental, teorias cognitivas da percepção, fotometria e psicologia –, destaca-se a criação do pragmatismo (que afamaria seu amigo William James) e, dentro dessa corrente filosófica, o desenvolvimento de uma teoria semiótica profundamente inovadora e complexa.

Para além das fronteiras admitidas pelas abordagens semióticas francesa e russa, centradas nos binômios língua-fala e texto-cultura respectivamente, a semiótica peirceana constitui-se como filosofia científica das linguagens, verbais e não-verbais, humanas, animais e orgânico-naturais. Baseada numa fenomenologia triádica, intitulada por Peirce de *faneroscopia*, mais complexa do que as abordagens dualistas de herança cartesiana, tal semiótica sustenta-se sobre categorias tão abstratas que se adapta, como ferramenta analítica, a qualquer fenômeno de significação independentemente do suporte, contexto, realidade física, sistemas sócio-culturais ou dispositivos comunicacionais, abrangendo processos de significação ocorrentes desde o âmbito microfísico ao macrocósmico. Apesar de toda essa abstração e abrangência, ou talvez exatamente por isso, como se verá ao longo desse trabalho, a semiótica de Peirce apresenta uma consistência ímpar com as variáveis mais humanas da semiose ou processo de significação.

Instituída a partir do conceito basilar de signo – definido como processo de conexão dinâmica de um *representamen* (objeto de representação sígnica) que cria um *interpretante* (significado ou efeito de sentido) ao se referir, representar ou evocar um *objeto* –, a semiótica peirceana se estrutura em tríades cuja tipologia permite compreender e modelar a extrema complexidade da linguagem que, por milênios de estudos filosóficos e científicos, passou pouco percebida por seus “usuários”, salvo exceções pontuais³, cegos a ela como os peixes ao mar.

Não é de surpreender que esse pensador falibilista e crítico, consciente das armadilhas da linguagem, tenha reconstruído seus conceitos e sistemas por diversas vezes. Tanto se preocupava com tal questão, que se dedicou a enumerar sete regras para praticar uma ética da terminologia, denunciando “que um número considerável de palavras e frases da lógica científica passou a ser usado com uma falta de exatidão espantosa” (PEIRCE, 1995: 42; CP 2.225)⁴. Aquilo que para alguns detratores de leitura superficial pode ser apontado como “inconsistência” da obra peirceana, construída ao longo de mais de 50 anos, merece um estudo mais reflexivo e detalhado para compreender as diversas tentativas de aprimorar idéias muito dinâmicas e complexas ou perceber, como é legítimo para um pensador pós-cartesiano (SANTAELLA, 2004: *passim*), que o pensador aplicava à sua própria obra a definição da verdade como crença.

Dentre os conceitos que Peirce define de forma diversa em sua teoria semiótica, destaca-se um dos mais importantes termos componenciais do signo: o interpretante. Potencial gerador de polêmicas até hoje em curso, o conceito de interpretante oferece ao pensamento contemporâneo um desafio promissor, qual seja o de lançar-se à tarefa “urobórica”, como a serpente mitológica que engolia o próprio rabo, de compreender o próprio processo de compreensão, cantado e decantado pelas hermenêuticas pós-*linguistic turn*.

³ Desde o *Crátilo* de Platão, tais exceções passam pelos pré-românticos, Vico, Herder, W. Humboldt, responsáveis pela concepção hermenêutico-ontológica da linguagem.

⁴ Adota-se aqui o sistema internacional de referenciamento aos “*Collected Papers of Charles Sanders Peirce*”, onde o primeiro número indica o volume e o segundo, o parágrafo.

Da relevância do problema das diversas subdivisões triádicas do interpretante peirceano

A questão dos conceitos e subdivisões do interpretante peirceano vem sendo discutida até os dias atuais por diversas razões. Dentre elas destacam-se duas. A primeira diz respeito à complexidade do conceito e às dificuldades de compreensão naturalmente advindas de um pensamento dinâmico, assumidamente falibilista e sob constante mutação, dividido em 3 ou 4 fases diversas – como discrimina Apel, por exemplo, as fases de 1868-1871, 1871-1878, 1889-1898 e 1898-1914 (APEL, 1967). A segunda razão deriva das perspectivas diversas propostas por Peirce para compreender o processo de interpretação, potencialmente combináveis e aplicáveis como método de análise de fenômenos semióticos que apresentam um leque bastante amplo de categorias, haja vista o nível de abstração do signo e da semiose peirceanos, capazes de incluir também as instâncias não-verbais da linguagem e os aspectos emocionais e volitivos da significação, sem deixar de lado as instâncias verbais, onde prevalecem a convencionalidade e o hábito comunitário ou social da comunicação.

Destarte, justifica-se o exercício reflexivo ora proposto como meio de coligar as principais posições teóricas sobre o conceito de interpretante e desenvolver sobre elas algumas perspectivas, tendências e peculiaridades de aplicação pragmática aos fenômenos de sentido, buscando explicitar-lhes os modelos internos ocultos em suas diferentes versões.

O sucesso dessa empreitada estará relacionado menos à identificação e defesa de um ponto de vista como o mais correto e adequado, o que seria fruto de uma visão demasiado cartesiana do processo, do que ao enriquecimento das possibilidades (epistemo)lógicas de aprofundamento da compreensão sobre o processo de interpretação e de sua dinâmica complexa, sensivelmente dependente das condições que o cercam.

Das hipóteses, objetivos e estrutura da presente reflexão

São bem conhecidas entre os estudiosos da obra de Peirce duas subdivisões do interpretante, definido como efeito do processo de significação ou, grosso modo, o próprio significado numa mente. Uma delas o divide de forma mais pragmática, apontando as possibilidades de significação que avançam a partir do sentimento à razão, passando por algum tipo de esforço físico ou mental. Outra, mais abstrata, vê o interpretante como processo que se atualiza a partir de um potencial de interpretações e se fecha em um momento ulterior, idealizado, de realização plena e final, embora imprevisível, daquele potencial.

Sobre tais interpretações debatem-se, especialmente no segundo lustro do século XX, diversos importantes analistas da obra peirceana, na busca de uma solução tanto para as razões que levaram Peirce à multiplicidade de divisões, quanto às suas combinações.

A hipótese desse trabalho é que, diversamente da forma um tanto mecanicista ou positivista com que alguns dos comentaristas vêm buscando solucionar a questão das subdivisões do interpretante, isto é, como charada que apresenta uma solução correta e final, seja possível construir uma perspectiva de abordagem dessas categorias que as caracterize conforme sua potencialidade de apresentar resultados analíticos relevantes em determinadas condições, além de verificar os aspectos pragmáticos de suas possibilidades combinatórias e seus limites de consistência, trabalho esse já esboçado por Brendan Lalor, num artigo intitulado “*The classification of Peirce’s interpretants*” (1997) e por Lúcia Santaella, no capítulo terceiro de sua *Teoria Geral dos Signos* (2000).

Em outros termos, ao invés de perguntar qual das tricotomias do interpretante é a melhor, mais correta ou mais adequada *in abstracto*, ou mesmo se as suas possibilidades combinatórias são consistentes, integralmente ou parcialmente, como fazem alguns comentadores da obra peirceana, serão aqui investigadas as condições heurísticas nas quais elas se aplicam à solução de determinado tipo ou categoria de problema semiótico-hermenêutico, isto é, sígnico-interpretativo.

Para tanto, este trabalho pretende analisar as perspectivas subjacentes à diversidade de definições estruturais do conceito de interpretante na teoria semiótica de Charles Sanders Peirce, assim como as principais tricotomias do interpretante.

No capítulo primeiro, será conceituada e apresentada a semiótica de Peirce como uma filosofia científica da linguagem, o que a distingue radicalmente das abordagens semiológicas de extração lingüística. Para tanto, será descrito o posicionamento dessa teoria no diagrama das ciências, construído pelo pensador já nos últimos anos de sua vida, como caminho para compreender o contexto filosófico em que emerge essa visão sistêmica e fenomenológica do processo de significação. Além disso, será extensivamente tratado o conceito de signo, com base num levantamento de 76 definições do conceito de signo realizado por M. Robin e comentado por R. Marty.

Analisar o papel do interpretante na semiótica de Peirce, suas principais definições e suas mais conhecidas tricotomias é o desafio encetado no capítulo segundo, com apoio numa revisão extensiva da obra do próprio Peirce, particularmente dos “*Collected Papers*”.

O objetivo do capítulo terceiro é descrever as principais análises das tricotomias do interpretante peirceano, avaliar suas possibilidades combinatórias nas subcategorias dos interpretantes e perscrutar suas perspectivas de aplicação a fenômenos semióticos. Essa parte do trabalho baseia-se em estudos realizados pelos mais respeitáveis comentadores da obra de Peirce, dentre os quais destacam-se Jørgen D. Johansen, Brendan J. Lalor, Lúcia Santaella, David Savan e Thomas L. Short, para desenhar uma nova perspectiva combinatória de três das tricotomias de Peirce.

Após apresentar o potencial analítico e criativo da aplicação dessas tricotomias à realidade semiótica que nos cerca, algumas considerações finais sintetizam o trabalho, traçando conexões entre o pensamento complexo de Peirce e o novo paradigma emergente no Século XX.

Talvez um dos maiores valores da semiótica, percebido com maior clareza conforme transitamos de um paradigma racionalista-mecanicista para um paradigma da complexidade e paradoxalidade fenomenológicas, resida justamente em seu “calcanhar de Aquiles”, qual seja, a série de limites impostos à utilização da linguagem para tratar da própria linguagem. Ou mais precisamente, do uso da linguagem verbal, com suas características limitações lógico-rationais, eventualmente apoiada em um diagrama ou uma ilustração metafórica, para tratar de toda a complexidade das linguagens de toda natureza (“verbi-voco-visual”, como bem as nomearam os irmãos Campos).

1. Da semiótica e de sua posição na arquitetura das ciências de Peirce

Com o crescimento das abordagens semióticas nas mais diversas áreas de conhecimento, das ciências cognitivas às humanas e exatas, conforme avança a priorização do papel da linguagem na constituição dos fenômenos estudados, aumenta também o interesse nessa metodologia, ciência ou programa de pesquisa inaugurado por Peirce na segunda metade do século XIX.

No entanto, em função da extensão, profundidade e complexidade do pensamento peirceano, muitos investigadores acabam tendo resultados frustrantes ou limitados em suas tentativas de abordagem semiótica. Buczynska-Garewicz afirma que “é uma moda aludir à semiótica de Peirce em geral [...] sem uma apreensão mais completa de seu sentido profundo e multidimensional” (*apud* SANTAELLA, 2004: 16). Como sempre lembra Santaella, a metodologia semiótica “é uma das disciplinas que compõem uma ampla arquitetura filosófica concebida como ciência com um caráter extremamente geral e abstrato. Tal fator torna muito difícil a tarefa de se aplicar com proveito a semiótica de Peirce a processos concretos de linguagens” (2004: 14). Portanto, “quando ignoradas ou malcompreendidas as bases fenomenológicas e epistemológicas sobre as quais Peirce alicerça o seu pensamento, corre-se o risco de tomar a semiótica como uma simples pirotecnia terminológica” (SANTAELLA, 2001: 52), ou seja, o oposto do que propunha o pensador com sua ética terminológica. Para evitar tais riscos, este trabalho dedicará o presente capítulo a situar a semiótica naquela arquitetura, procurando detalhar os conceitos e estruturas fundamentais necessários à compreensão da questão da interpretação na perspectiva peirceana.

A coluna central dessa arquitetura para Peirce, como ele afirmou em 1902, é a “fenomenologia, ou a Doutrina das Categorias, cujo assunto é [...] fazer da análise ulterior de todas as experiências, a primeira tarefa à qual a filosofia deve se aplicar” (CP 1.280 *apud* Rosensohn, 1974: 19). Muito antes disso, num pequeno, mas seminal, texto de 1867, intitulado “*Sobre uma nova lista de categorias*”, o então jovem pensador “chegou a três elementos gerais e indecomponíveis de todos os fenômenos: qualidade, relação e representação [...], categorias universais que iriam desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento e na estruturação de seu pensamento lógico e filosófico” (SANTAELLA, 2004: 29). Passando a denominá-las “qualidade, reação e mediação”, adiante chegou aos termos definitivos, mais lógicos e abstratos, “primeiridade, segundidade e terceiridade”, quando no início do século XX as retomou como base da ciência dos “*phanera*” ou

faneroscopia. A opção por esse termo idiossincrático, adotado a partir de 1904 (APEL, 1995: 111), deveu-se à necessidade de distinguir sua fenomenologia das já afamadas definições de Hegel, Husserl e outros contemporâneos, pois Peirce a trata como “descrição do *phaneron*”, conceito que para ele significa “o total coletivo de tudo que está de alguma forma ou em algum sentido presente à mente, independentemente de corresponder a alguma coisa real ou não”⁵ (CP 1.284). Embora apresente uma admitida semelhança com a fenomenologia hegeliana, triádica e ocupada com as categorias ou modos fundamentais, a abordagem peirceana “ignora a distinção entre essência e existência”, sem perder de vista toda a amplitude do campo da experiência (CP 5.37 *apud* Apel, 1995: 117). Sua tabela de categorias emerge, como ele mesmo menciona, a partir do estudo e da insatisfação com as categorias de Aristóteles, Kant e Hegel, nenhuma delas geral, fundamental e abstrata o suficiente para abarcar todos os tipos de fenômeno desde sua primeira origem na experiência.

Santaella dá uma boa idéia geral do conjunto dessas categorias (2004: 30-31):

“A primeiridade está relacionada com as idéias de acaso, oriência, originalidade, presentidade, imediaticidade, frescor, espontaneidade, qualidade, sentimento, impressão; a secundidade, com as idéias de ação e reação, esforço e resistência, conflito, surpresa, luta, aqui e agora; a terceiridade, com as idéias de generalidade, continuidade, crescimento, aprendizagem, tempo, evolução”.

A categoria de primeiridade é a mais difícil de descrever, pois trata das idéias de auto-contenção e não-referenciamento, onde predominam os aspectos primeiros e imediatos de uma sensação inanalizada, monádica, irrefletida, de talidade (*suchness*), qualidade de sentimento, “frescor, vida, liberdade” (CP 1.302-304). Vale notar que o conceito de sentimento em Peirce exclui qualquer tipo de análise ou comparação (CP 1.306), o que o levaria à instância da secundidade. Exemplos peirceanos de primeiridade são a cor do magenta, o som de um apito de trem, o sabor do quinino, a qualidade do sentimento de amor (CP 1.303), ou seja, elementos fenomênicos “primários” capazes de excitar nossos sentidos.

A idéia de secundidade é um pouco mais simples de compreender, pois somos educados desde a mais tenra infância em conformidade com uma visão diádica de realidade. Essa categoria representa a idéia de oposição, resistência, alteridade, “ação e reação, entre nossa alma e um estímulo” (CP 1.322), envolvendo na base o elemento do esforço (*struggle*). Causação e força estática são elementos típicos da secundidade, pois envolvem ação entre

⁵ As traduções de citações dos “*Collected Papers of Charles Sanders Peirce*” feitas pelo autor deste trabalho, como no presente caso, trarão sua versão original em notas de rodapé: “*the collective total of all that is in any way or in any sense present to the mind, quite regardless of whether it corresponds to any real thing or not*”.

pares (CP 1.325). Todo esforço, físico ou mental, é exemplo de segundidade, pois resulta de uma ação diádica, não mediada por um terceiro elemento. Peirce menciona novamente o apito de trem, mas desta vez avança até a experiência do conhecido fenômeno de queda do tom com a passagem do veículo em alta velocidade (CP 1.336), o que remete ao esforço de compreensão, típico da segundidade, cuja resolução trespassaria essa categoria em direção a um fenômeno de terceiridade.

Peirce assim define sua última categoria: “por terceiro, quero dizer o meio ou elo conectivo entre o absoluto primeiro e último. O início é primeiro, o fim segundo, o meio terceiro”⁶ (CP 1.337). A idéia de mediação ou de relação está na base de toda terceiridade, que inclui por conseguinte o pensamento, as regras, leis e convenções. É também notável o modo como as categorias faneroscópicas escapam à armadilha cartesiana da linearidade, que tornaria bidimensional e reducionista o fundamento fenomenológico peirceano. Embora as três categorias sejam ordinais, inexistindo a possibilidade de um fenômeno de terceiridade que não implique as categorias anteriores, a terceiridade está no meio, conectando o primeiro ao segundo. Essa é a principal chave para torná-las capazes de representar a complexidade dos fenômenos que a física do século XX, décadas mais tarde, comprovaria como os paradoxais fundamentos da realidade. Entre os exemplos de terceiridade, Peirce cita os seguintes, correlacionando-os às demais categorias:

Posição é primeiro, velocidade ou a relação de duas posições sucessivas segundo, aceleração ou a relação de três posições sucessivas terceiro. Mas velocidade na medida em que é contínua também envolve um terceiro. Continuidade representa Terceiridade quase à perfeição. Todo processo surge sob esse conceito. Moderação é um tipo de Terceiridade.⁷ (CP 1.337)

Mas dentre inúmeros exemplos, de generalidade, continuidade, hábito ou moderação, Peirce destaca um: “o mais simples daqueles que são de interesse filosófico é a idéia de signo, ou representação”⁸ (CP 1.339). Essa idéia, objeto central de estudo da semiótica, assim se

⁶ “[...] by the third, I mean the medium or connecting bond between the absolute first and last. The beginning is first, the end second, the middle third”.

⁷ “Position is first, velocity or the relation of two successive positions second, acceleration or the relation of three successive positions third. But velocity in so far as it is continuous also involves a third. Continuity represents Thirdness almost to perfection. Every process comes under that head. Moderation is a kind of Thirdness”.

⁸ *The easiest of those which are of philosophical interest is the idea of a sign, or representation”.*

define: “um signo representa (*stands for*) algo para a idéia a qual ele produz, ou modifica”⁹ (*ibidem*).

É a partir dessas três categorias fundantes de toda experiência¹⁰ que, na arquitetura das ciências, se faz a passagem da fenomenologia ou faneroscopia, ciência filosófica de primeiridade – posto que “provê à filosofia as mais fundamentais e gerais condições da experiência” (ANDERSON, 1995: 39) – ao triunvirato das ciências filosóficas de segundidade ou ciências normativas (das normas ou ideais): estética, ética e lógica, esta última tratada por Peirce como semiótica.

Demonstrando a extrema consistência organizativa de sua lista de categorias – o que não chega a surpreender, se se considerar sua abstração a partir das raízes mais profundas da experiência –, é sobre ela que se estruturam os conhecimentos humanos, formando uma cadeia complexa, mas interconectada. Por isso, vale a pena compreender o conjunto das ciências normativas, antes de detalhar o papel e função da semiótica.

A primeira delas, a estética, difere muito dos conceitos até hoje utilizados. Distante de uma teoria do belo, Peirce a concebe como a ciência do que é “admirável sem nenhuma razão para ser admirável além de seu caráter inerente” (CP 1.612). Escapava assim tanto ao objetivismo quanto ao subjetivismo das estéticas que o precederam, mas o fazia por seu compromisso com a “processualidade” dos fenômenos e por antever certos limites pragmáticos, logo a seguir tratados, de uma abordagem tradicional.

Anderson enfatiza, por exemplo, a diferença entre essa concepção e a kantiana, pois embora “o sentimento (*feeling*) individual possa estar engajado no que é admirável, [...] o admirável não é dependente do sentimento” e “para Peirce a generalidade do ideal [estético] envolvia sua abertura ou dinamismo” (1995: 41), outro contraponto com um certo caráter estático percebido em outros pensadores da estética que o precederam (KENT *apud* Anderson, *ibidem*). Essa combinação do dinamismo ao sentimento, reflexo faneroscópico da segundidade das ciências normativas com a primeiridade da estética, permite-lhe destinar um papel para a estética vinculado ao sumo bem ético, sem perder sua conexão essencial com o pragmaticismo, corrente filosófica criada por Peirce com o sentido de compromissar o pensamento, em constante crescimento evolutivo, com a ação e a transformação da realidade.

⁹ “*A sign stands for something to the idea which it produces, or modifies*”.

¹⁰ Peirce parece ser um fundacionalista ontológico, embora não epistemológico.

Assim, livre para creditar-lhe a função de buscar um ideal de admirabilidade capaz de conduzir nossas ações, é que “a estética [peirceana] não está voltada para o que é belo ou não-belo, mas sim para aquilo que deveria ser experimentado por si mesmo, em seu próprio valor” (SANTAELLA, 1994: 130). Por conseguinte, cabe à ela a “tarefa de descobrir leis que relacionam os sentimentos ao que é bom de um modo geral” (*idem*: 136), ideal estético que garante a supremacia dos propósitos coletivos que caracterizam o “fim último do pragmatismo, com o crescimento da razoabilidade concreta” (*idem*: 138). Não se confundindo com as referências iluministas ou positivistas de racionalidade (*rationality*), o conceito de razoabilidade (*reasonableness*) em Peirce “incorpora elementos de ação, sentimentos, assim como de todas as promíscuas misturas entre razão, ação e sentimento” (*idem*: 139). A concretude dessa razoabilidade, ligada primordialmente à máxima do pragmaticismo peirceano, diz respeito à necessidade de manter toda reflexão, por mais teórica ou abstrata que seja no presente, conectada com o futuro e compromissada com o real.

Tal vínculo pragmático abre as portas para que o ideal estético, de admiração sem razão ulterior pelo sumo bem, leve diretamente ao interior da ética, ciência de segundidade filosófica e de segundidade normativa, que liga aquele “ideal à conduta humana” (ANDERSON, 1995: 42) ou, nas palavras de Peirce, a “Ética, ou ciência do certo e errado, deve apelar à Estética por ajuda na determinação do *summum bonum*. Ela é a teoria da conduta deliberada ou auto-controlada” (CP 1.191 *apud* Anderson, 1995: 43).

Todavia, como o próprio Peirce admite, não dedicou à ética tanta energia como à matemática e à lógica. Ainda assim, para manter coeso o sistema arquitetônico que constituía sobre a base faneroscópica, convergente com a proposta pragmaticista, desenvolveu-a o suficiente para distingui-la das abordagens que nela enxergavam um ramo isolado da filosofia ocupado em tratar “a ação como a finalidade última do homem” (CP 2.151) e, como aponta Anderson, em emitir “julgamentos sobre os tipos de ação que valem a pena perseguir. Em conjunção com ambas preocupações, Peirce acreditava que manter a ação – uma manifestação de Segundidade – como seu próprio fim, eliminava as mais altas possibilidades da vida humana na expressão da Terceiridade” (1995: 43).

Essa é outra conexão-chave da inovadora arquitetura filosófica peirceana, pois remete as ações auto-controladas (esfera da segundidade ética) ao desenvolvimento de hábitos de conduta que contribuam para o crescimento da razoabilidade concreta (esfera da terceiridade

lógica). Para o pensador, a lógica é um caso especial da ética, assim como a ética é uma determinação especial do ideal estético (*idem*: 45).

A lógica, tratada por Peirce indistintamente como semiótica, vai estudar o signo como fenômeno privilegiado de terceiridade, veículo de todo pensamento:

O termo “lógica” é por mim empregado de forma não-científica em dois sentidos distintos. Em seu sentido estrito, é a ciência das condições necessárias para atingir a verdade. Em seu sentido amplo, é a ciência das leis necessárias do pensamento, ou, ainda melhor (o pensamento sempre tomando lugar por meio de signos), é uma semiótica geral, tratando não apenas da verdade, mas também das condições gerais dos signos serem signos [...].¹¹ (CP 1.444)

Dessa forma, considerada por Peirce uma filosofia científica das linguagens, posicionada como a terceira das ciências normativas (ROSENHOHN, 1974: 2), a semiótica vai encontrar suas bases organizativas na fenomenologia, estudos dos *phanera* (fenômenos), a primeira das ciências filosóficas.

Nessa ampla arquitetura das ciências, a semiótica subdivide-se ainda em “gramática especulativa”, teoria da aparência das coisas, “lógica crítica”, estudo das relações de inferencialidade, e “metodêutica”, teoria dos métodos, da retórica especulativa ou dos tipos de interpretação das coisas (FEIBLEMAN, 1946: 292; ANDERSON, 1995: 32).

As definições de signo, conceito nuclear da semiótica, vão aparecer em destaque na gramática especulativa, pois seu papel primordial, segundo a visão faneroscópica triádica, vincula-se à forma como a mente ou pensamento apreende a realidade e garante a subsistência das relações comunicativas a partir de consensos ou crenças sustentados na linguagem como mecanismo de referência à realidade, o que implica estudá-la como meio pelo qual nossos dispositivos perceptivos – tato, olfato, gustação, audição e visão – têm acesso ao que a realidade lhes oferece e permitem aos seres humanos, assim, o intercâmbio comunicativo com base em um grau relativamente alto de consistência espacial e temporal.

Embora ainda pouco explorados, conhecidos e raramente citados, os conceitos de quase-emissor (*quasi-utterer*) e quase-interpretador (*quasi-interpreter*), assemelhados a nosso uso acadêmico nas teorias da comunicação de emissor-codificador e receptor-decodificador,

¹¹ “The term “logic” is unscientifically by me employed in two distinct senses. In its narrower sense, it is the science of the necessary conditions of the attainment of truth. In its broader sense, it is the science of the necessary laws of thought, or, still better (thought always taking place by means of signs), it is general semeiotic, treating not merely of truth, but also of the general conditions of signs being signs”.

são aspectos fundamentais da semiose para a aplicação pragmática posteriormente proposta nesse trabalho. Em texto escrito em 1906, Peirce afirma que esses aspectos conceituais de geração e de interpretação dos signos, respectivamente, aparecem soldados (*welded*) um ao outro no processo sígnico do pensamento (*thought*), ambos como tipos de quase-mente (*quasi-mind*) (CP 4.551).

Essa raridade na exploração de tais conceitos deve-se, muito provavelmente, à necessidade de compreendê-los como aspectos da quase-mente, cujo esforço de tornar claro, o próprio Peirce reconhece em “*Carta à Lady Welby*” (1906), é quase capaz de levá-lo ao desespero. Nessa carta, argumenta que todo pensamento depende de uma mente (*mind*) ou quase-mente. Da mesma forma, um pensamento depende de um signo para ativar-se. Como o pensamento, para Peirce, é um tipo de diálogo que ocorre numa mente ou em processos inumanos, o conceito de quase-mente pretende libertar a semiose do cérebro, posto que processos de significação podem ocorrer independentemente da participação de um ser humano e mesmo de animais, no caso de processos fitossemióticos ou fisossemióticos (DEELY, 1990: 29-30). Para solucionar essa dificuldade terminológica de aplicação do conceito de mente e pensamento a animais desprovidos de cérebro, a cristais ou a fenômenos de significação na natureza mais física, Peirce vai cunhar o termo quase-mente.

Ela, a quase-mente, é que desempenha o papel dialógico, no signo-ação, de *quase-emissor* e *quase-interpretador*. Como de hábito, a arquitetura auto-consistente das idéias de Peirce vai se dirigindo a novos problemas e desafios. Nesse momento, pelo percurso aqui escolhido, surge a necessidade de distinguir, antes mesmo de adentrar o próprio conceito de signo, duas de suas macro-concepções: numa delas o signo é tratado formal e logicamente. Noutra, aparece como a ação ou processo de significação, denominado também de signo *in actu* ou semiose (*semiosis*).

Tal distinção é útil no presente trabalho para que não se perca de vista a combinação da compreensão dos aspectos lógico-formais, mais abstratos, do signo e dos aspectos pragmáticos de sua ação, mais concretos. Das definições do segundo grupo, ficou muito conhecida uma simplificação feita por Peirce com o objetivo de se fazer entender: “um signo, ou *representamen*, é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém” (CP 2.228). Embora ela realmente facilite os primeiros passos laicos na compreensão da Semiótica, oculta sutilezas e complexidades que, de fato, tornam essa abordagem das

linguagens um modelo extremamente rico para descortinar e solucionar problemas que só décadas mais tarde confrontariam a filosofia e a ciência.

Evidente nas definições mais precisas, especialmente nas desenvolvidas a partir de 1902, é a citada exclusão da necessidade de um ser humano para a existência do signo, quando o “alguém”, o interpretador, passa a ser definido como “mente” ou “quase-mente”, como se verá nas definições a seguir analisadas.

Numa análise dos 76 conceitos de signo extensivamente pesquisados e catalogados por M. Robin, Robert Marty (2005) destaca o fato de que todos eles têm em comum o caráter triádico, como se pode observar nas seguintes definições:

Um signo é uma relação de conjunção para a coisa denotada e para a mente.¹² (CP 3.360). *On the algebra of logic* (1885).

Um signo é algo que está relacionado com uma Segunda coisa, seu Objeto, com respeito a uma Qualidade, de tal modo que traga uma Terceira coisa, seu Interpretante, em relação ao mesmo Objeto, e isso de tal modo que traga um Quarto em relação àquele Objeto da mesma forma, *ad infinitum*.¹³ (CP 2.92). *Partial synopsis of a proposed work in logic* (1902).

Um signo é um Representamen com um Interpretante mental.¹⁴ (CP 2.274). *Syllabus* (1902).

[...] Agora um signo é algo, A, que denota algum fato ou objeto, B, para algum pensamento interpretante, C.¹⁵ (CP 1.346). *Lowel Lectures: vol. I, 3rd Draught* (1903).

Essa natureza triádica, mais detalhadamente presente nas definições lógico-formais, está sustentada naquilo a que Peirce denominou “signo genuíno”, isto é, aquele em que se desenvolve plenamente a potencialidade de um *representamen* engendrar, de fato, algum tipo de conexão com seu *objeto* por meio de um *interpretante*.

Ainda assim, não deixam de participar do conjunto de signos todos aqueles objetos cujo potencial de conexão com outros objetos os tornem, aos primeiros, *representamina* dos segundos, operação possibilitada, *in futuro* naturalmente, por uma mente ou quase-mente

¹² “A sign is in a conjoint relation to the thing denoted and to the mind”.

¹³ “A Sign is anything which is related to a Second thing, its Object, in respect to a Quality, in such a way as to bring a Third thing, its Interpretant, into relation to the same Object, and that in such a way as to bring a Fourth into relation to that Object in the same form, *ad infinitum*”.

¹⁴ “A Sign is a Representamen with a mental Interpretant”.

¹⁵ “[...] Now a sign is something, A, which denotes some fact or object, B, to some interpretant thought, C”.

capaz de realizá-la. Em suma, qualquer objeto que possa gerar tal conexão com outro – ou até consigo mesmo, segundo alguns estudiosos do pensamento peirceano – é um signo ainda não desenvolvido ou “degenerado” (*degenerated*), termo que Peirce vai tomar à matemática, embora Merrell (1998) e Santaella (2000) prefiram traduzi-lo por “deengendrado”, de forma a evitar o sentido pejorativo do termo em nossa linguagem coloquial. Para usar uma terminologia aristotélica, o signo pode sê-lo em ato (signo genuíno) ou em potência (*representamen* sem objeto ou interpretante)¹⁶. Deriva daí a tendência pansemiótica do pensamento de Peirce, que pode ver signos em absolutamente qualquer objeto do cosmos, real ou imaginário, que preencha em qualquer momento a condição de vicariedade.

Antes de avançar para a descrição das partes componenciais dessa tríade, destaca-se uma importante distinção feita por Peirce em um trabalho não publicado – além de não listado na relação supostamente exaustiva de definições de Robin –, que aponta para a infinitude, multiplicidade e complexidade do processo semiósico:

Mas um signo não é um signo a menos que se traduza em outro signo no qual esteja mais plenamente desenvolvido. O pensamento requer apropriação para o seu próprio desenvolvimento, e sem esse desenvolvimento ele não é nada. O pensamento precisa viver e crescer incessantemente em novas e mais altas traduções, ou se provará um pensamento não genuíno.¹⁷ (CP 5.594) *On Selecting Hypothesis* (*Book III - Unpublished Papers, Chapter 6 - Methods for Attaining Truth*).

Dessa visão deriva a proximidade do pensamento de Peirce, *avant-la-letre*, com a física contemporânea da não-linearidade, da complexidade e dos modelos de universo em expansão. Principalmente em seus últimos escritos, Peirce desenvolve conceitos e modelos simples o suficiente para reduzir a realidade a um tamanho compreensível para nossas limitadas mentes, ainda que sem perder sutilezas que os mantenham profundamente consistentes com a vida de um mundo em crescente complexificação. Sua crítica triádica aos modelos dicotômicos cartesiano-newtonianos abriu as portas para o desenvolvimento, aprimoramento e aprofundamento da “urobórica” compreensão sobre a própria compreensão¹⁸, da descrição e interpretação do processo de significação.

¹⁶ Vale notar que não se deve confundir a divisão de signo genuíno e deengendrado com a divisão de signo formal e pragmático, pois todas as combinações entre tais categorias são logicamente possíveis.

¹⁷ “*But a sign is not a sign unless it translates itself into another sign in which it is more fully developed. Thought requires achievement for its own development, and without this development it is nothing. Thought must live and grow in incessant new and higher translations, or it proves itself not to be genuine thought*”.

¹⁸ Essa deve ser a razão pela qual o melhor modelo para representar a realidade semiósica seja fractal, isto é, autopoietico e iterativo.

O objetivo da citada análise de Marty é demonstrar que, a despeito das numerosas definições de signo, distinguem-se duas concepções sucessivas do modelo sógnico desenhado por Peirce. A primeira concepção, construída até 1905 – contando com 28 definições datadas por Robin –, é por Marty classificada como “triádica global”, na medida em que se sustenta numa visão de inter-relações absolutamente simétricas entre os três elementos componenciais do signo. A segunda, daquele ano em diante – onde se incluem as demais 33 classificações datadas¹⁹ –, o estudioso denomina de “analítica triádica”, pois desvela pequenas assimetrias que aproximam ainda mais o signo de nossa realidade cotidiana.

Enquanto o signo diádico saussureano isola-se da realidade, com vistas a diminuir a complexidade do fenômeno e manter-se focado na relação significante-significado que o torna elemento fundamental do binômio língua-fala, o signo triádico peirceano pressupõe uma distinção entre o significado e aquilo a que ele se refere, representa, evoca ou apresenta, seu objeto:

O objeto de um signo é uma coisa; seu significado é outra. Seu objeto é a coisa ou ocasião, indefinida como possa ser, à qual se aplique. Seu significado é a idéia que ele anexa ao objeto, seja por meio de uma mera suposição, ou como um comando, ou como uma assertiva.²⁰ (CP 5.6)

Ainda assim, no modelo triádico não se pode confundir esses elementos com o próprio signo, pois:

Como o signo não é idêntico à coisa significada, mas difere dela em algum aspecto, ele simplesmente deve ter algumas características que lhe pertençam, e nada tenham a ver com suas funções representativas. A estas eu denomino qualidades materiais do signo.²¹ (CP 5.287)

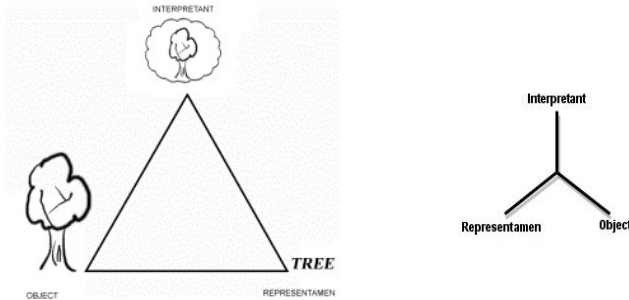
Tais “características materiais” do signo é que Peirce vai denominar mais precisamente como *representamen*, para evitar que se confunda o signo, como objeto que funciona enquanto tal, com o próprio processo sógnico ou semiósico como um todo, que envolve dois outros ‘objetos’: o objeto referido, denominado *objeto*, e o resultado triconectivo do processo na mente ou quase-mente do interpretador, o *interpretante*. Vale notar, como se

¹⁹ Restam, portanto, 16 definições ainda não datadas segundo a pesquisa de M. Robin.

²⁰ “*The object of a sign is one thing; its meaning is another. Its object is the thing or occasion, however indefinite, to which it is to be applied. Its meaning is the idea which it attaches to that object, whether by way of mere supposition, or as a command, or as an assertion*”.

²¹ “*Since a sign is not identical with the thing signified, but differs from the latter in some respects, it must plainly have some characters which belong to it in itself, and have nothing to do with its representative function. These I call the material qualities of the sign*”.

pode perceber na bem detalhada definição a seguir, que, ao invés de um triângulo cuja linearidade sugeriria uma leitura do modelo partindo do *representamen* em direção ao *objeto* e deste ao *interpretante*, um diagrama em formato de “Y” coloca a tríade em conjunção centrífuga:



Um Signo é um ‘Conhecível’ que, por um lado, é determinado (i.e., especializado, *bestimmt*,) por alguma outra coisa que não ele mesmo, chamada seu Objeto, enquanto, por outro lado, ele determina alguma Mente atual ou potencial, determinação à qual denomino Interpretante criado pelo Signo, que aquela Mente Interpretante é nisso determinada mediamente pelo Objeto.²² (CP 8.177)

Em suma, assim como o *representamen* é em algum grau ou modo determinado por seu *objeto*, também determina o *interpretante*. Essa noção é particularmente interessante do ponto de vista filosófico, especialmente depois da “virada lingüística”, a considerar o relativo consenso instituído sobre a determinância da linguagem na constituição do mundo e de sua realidade socialmente compartilhada.

Dessa forma, embora se abra a partir dessa discussão um campo importante da pesquisa filosófica, qual seja, o da relação do signo (*representamen*) com a realidade semiótica (*objeto*), interessa particularmente ao presente trabalho investigar o processo segundo a perspectiva cognitiva, isto é, dos processos mentais ou quase-mentais de estruturação do interpretante, assunto do próximo capítulo.

²² “A Sign is a Cognizable that, on the one hand, is so determined (i.e., specialized, *bestimmt*,) by something other than itself, called its Object, while, on the other hand, it so determines some actual or potential Mind, the determination whereof I term the Interpretant created by the Sign, that that Interpreting Mind is therein determined mediately by the Object”.

2. Do interpretante na semiótica de Peirce, suas principais definições e tricotomias

[...] um aspecto central do fazer ciência tem a ver com nossa busca de compreender nossa experiência como seres humanos. E o sentido que dou a “compreender” é o da experiência de adotar uma operacionalidade de reflexão na linguagem, na qual podemos conhecer o que conhecemos nas circunstâncias de constituição na linguagem.

Humberto Maturana²³

Peça-chave na semiótica, ápice dinâmico do processo de significação e geração de sentido, assim Peirce define o interpretante:

Nesses termos, é muito fácil [...] ver o que o interpretante de um signo é: ele é tudo o que está explícito no próprio signo apartado seu contexto e circunstâncias de emissão.²⁴ (CP 5.473)

Nesse primeiro passo, Peirce inicia a definição do interpretante por exclusão, ou seja, procura prescindir-lo²⁵ do conceito de signo, visto como processo genuíno triádico *in totum*, dele excluindo o *representamen*, aquilo que é emitido, e o objeto, aquilo que o conecta a seu contexto. Assim é que lhe resta, justamente, a parte mais imprecisa, complexa e relacional da semiose. Por tal razão é que, em outra definição, confere ao interpretante a já mencionada determinação pelo *representamen* e pelo objeto:

Um signo é objetivamente vago, na medida em que, deixando sua interpretação mais ou menos indeterminada, ele reserva para algum outro possível signo ou experiência a função de completar a determinação.²⁶ (CP 5.505)

Pontos cruciais dessa formulação são:

²³ “Cognição, ciência e vida cotidiana” (2001: 155).

²⁴ “On these terms, it is very easy [...] to see what the interpretant of a sign is: it is all that is explicit in the sign itself apart from its context and circumstances of utterance”.

²⁵ No sentido matemático de *precision*, termo que indica o processo de apartamento prévio ou “pré-cisão”.

²⁶ “A sign is objectively vague, in so far as, leaving its interpretation more or less indeterminate, it reserves for some other possible sign or experience the function of completing the determination”.

- a) a paradoxalidade do signo, que é vago, impreciso e variável em algum grau interpretativo, embora ao mesmo tempo objetivo, considerada sua determinação pelo objeto e
- b) a fractalidade²⁷ da definição de interpretante como um outro possível signo, o que lhe gera um caráter espiralado e infinito. Essa acepção é claramente confirmada em outra descrição: “um signo só é um signo *in actu* em virtude de receber uma interpretação, ou seja, em virtude de determinar outro signo do mesmo objeto”²⁸ (CP 5.569).

Duas outras definições do interpretante tornam cabal esse caráter semiótico do interpretante, parte do processo que vai reproduzindo, na mente ou quase-mente do interpretador, um novo significado que é, ele próprio, um novo signo do mesmo objeto e assim por diante e para trás, iterativamente:

O Signo cria algo na Mente do Interpretador, algo que, naquilo que foi criado pelo signo, tenha sido, de modo mediato e relativo, também criado pelo Objeto do Signo, embora o Objeto seja essencialmente outro que não o Signo. E essa criatura do signo é chamada o Interpretante. [...] Mas aquilo que o escritor objetivava apontar para você [...], aquele é o Interpretante do Signo, – sua “significância”.²⁹ (CP 8.179)

Todo pensamento, ou representação cognitiva, é de natureza de um signo. “Representação” e “signo” são sinônimos. Todo o propósito de um signo é que ele deverá ser interpretado num outro signo; e toda sua pretensão repousa no caráter especial que ele dá àquela interpretação.³⁰ (CP 8.191)

Uma crítica do leitor mais arguto pode surgir nesse ponto, se ele percebe um potencial giro “em falso” do signo sempre sobre o mesmo objeto, a se considerar que o interpretante é por ele determinado, como está afirmado. Peirce, entretanto, costuma ser mal-entendido por leituras rápidas que não lhe distinguem o esforço reducionista, às vezes feito para que suas

²⁷ Fenômenos caracterizados por iterar ou reproduzir sua macro-forma em sua micro-forma e vice-versa.

²⁸ “*A sign is only a sign in actu by virtue of its receiving an interpretation, that is, by virtue of its determining another sign of the same object*”.

²⁹ “*The Sign creates something in the Mind of the Interpreter, which something, in that it has been so created by the sign, has been, in a mediate and relative way, also created by the Object of the Sign, although the Object is essentially other than the Sign. And this creature of the sign is called the Interpretant. [...] But that which the writer aimed to point out to you [...] that is the Interpretant of the Sign, – its ‘significance’*”.

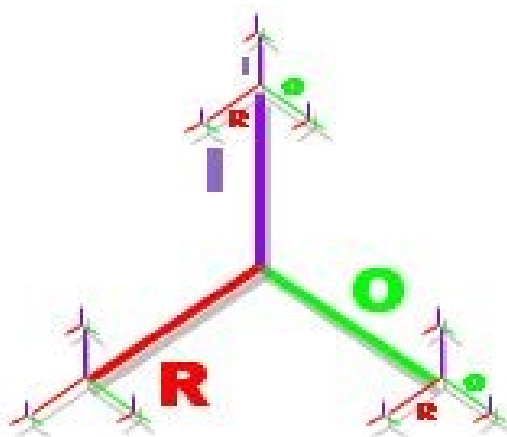
³⁰ “*Every thought, or cognitive representation, is of the nature of a sign. ‘Representation’ and ‘sign’ are synonyms. The whole purpose of a sign is that it shall be interpreted in another sign; and its whole purport lies in the special character which it imparts to that interpretation*”.

idéias sejam melhor compreendidas. Por isso, apresenta-se a seguir uma outra passagem mais precisa e detalhada sobre esta questão:

[...] todo nosso pensamento e conhecimento se dá por signos. Um signo portanto é um objeto que está em relação a seu objeto por um lado e a um interpretante por outro lado, de tal modo a trazer o interpretante para uma relação com o objeto, correspondendo à sua própria relação com o objeto. Devo dizer ‘similar à sua própria’ pois uma correspondência consiste numa similaridade; mas talvez correspondência seja muito estreito.³¹ (CP 8.332)

Embora essa citação se situe no limite imposto pela linguagem para tratar de si mesma, nela está mais clara a sutil diferença entre a relação do objeto com o signo e a relação desse mesmo objeto (apenas de similaridade) com o interpretante, o que evidencia uma equiparação, mas não exatamente uma equivalência quanto à primeira relação. Essa distinção é suficiente para perceber a segundidade do objeto no signo, que Peirce reconhece ao dividi-lo em *objeto imediato* – aquele “espelhado” dentro do processo de semiose – e *objeto dinâmico* – que em alguns textos Peirce classifica como a Verdade ou o real.

É por isso que, no modelo proposto a seguir, o “giro” não ocorre “em falso”, mas sim de forma espiralada, como as estruturas fractais ou iterativas, pois nele é mantida alguma semelhança, mas não uma identidade total, entre o objeto do signo e o objeto do interpretante.



Nesse modelo diagramático está representada a natureza triádica do fenômeno, procurando nele dispor as conclusões de Marty sobre a simetria, cuja base abstrata permite acompanhar a semiose concreta por intermédio da seleção “assimétrica” dos aspectos

³¹ “[...] all our thought and knowledge is by signs. A sign therefore is an object which is in relation to its object on the one hand and to an interpretant on the other, in such a way as to bring the interpretant into a relation to the object, corresponding to its own relation to the object. I might say 'similar to its own' for a correspondence consists in a similarity; but perhaps correspondence is narrower”.

efetivamente realizados. Ou seja, no caso dos signos deengendrados, nem todas essas partes estão presentes.

No modelo, pode-se observar que o representamen (R) do signo central é composto de uma tríade completa (R-O-I), indicando o tão corriqueiro caso em que o representamen de um signo (por exemplo, uma palavra) tem origem num outro signo que o precedeu (a definição daquela palavra num léxico).

O interpretante (I), por sua vez, aparece como um novo signo triádico, evidenciando graficamente a proliferação, *ad infinitum* como sugerem diversas definições peirceanas, do processo semiótico ou interpretativo genuíno. Ou seja, está ali representada a natureza autopoietica da semiose, que multiplica infinitamente, e em todas as direções, a proliferação dos signos em nossas mentes, nas mentes ao nosso redor e nas quase-mentes de todos os objetos potencialmente semióticos do cosmos.

Uma outra definição peirceana de signo, importante para compreender esse aspecto distintivo do interpretante – qual seja, sua relação com o conceito de quase-mente –, também não aparece no rol das 76 definições de Robin:

Já citei que um Signo tem um Objeto e um Interpretante, este último sendo aquilo que o Signo produz na Quase-mente que é o Interpretador por determinar o último a um sentimento, a um esforço ou a um Signo, cuja determinação é o Interpretante.³² (CP 4.536)

Nessa citação, extraída dos *“Prolegômenos a uma apologia pelo pragmaticismo”*, de 1906³³, Peirce sugere que o signo é o veículo cuja determinação depende de uma “‘quase-mente’, que é o Interpretador”, isto é, de uma generalização do conceito de mente não limitada ao espectro humano, haja vista a já comentada existência de signos nas demais espécies animais e demais reinos da natureza. A equivalência entre quase-mente e interpretador permite também outra conclusão: a de que sendo interdependentes ambas as funções, a mutualidade dessa determinação remete a um universo semiótico auto-consistente, posição que também passou a ser defendida pela ciência pós-relativística e quântica a respeito do universo físico. Essa questão é importante porque, como se verá adiante, um dos maiores valores dos modelos criados pela semiótica deriva diretamente de sua capacidade de

³² *“I have already noted that a Sign has an Object and an Interpretant, the latter being that which the Sign produces in the Quasi-mind that is the Interpreter by determining the latter to a feeling, to an exertion, or to a Sign, which determination is the Interpretant”.*

³³ Texto que, por seu turno, pertence ao livro sobre os Grafos Existenciais, publicado nos *“Collected Papers”*.

simplificar a complexidade do mundo como o faz um mapa³⁴, isto é, revelando aspectos “invisíveis”, formais ou estruturais da realidade, sem que dela se perca aspectos fundamentais. Isso, contando que a metáfora diagramática do mapa seja aplicada de forma similar – mas, invertendo-se a perspectiva, de forma ampliadora – às micro-formas.

Quanto a tais micro-aspectos, aparece nessa última definição uma subdivisão do interpretante, em sentimento (*feeling*), esforço (*exertion*) ou Signo (*Sign*), que prenuncia uma das mais conhecidas propostas peirceanas de tricotomia do interpretante, a seguir analisada.

Em correspondência de 1907, endereçada a Giovanni Papini, Peirce afirma que “o significado total de um predicado intelectual é que certos tipos de eventos aconteceriam, apenas e tão somente, no curso da experiência, sob certos tipos de circunstâncias existenciais” (*apud* Houser-Kloesel, 1998). Para provar seu argumento, Peirce vai definir ali o interpretante como o “apropriado efeito total do signo” que pode ser emocional, energético e lógico. Essa definição – conhecida como a *tricotomia do interpretante de 1906* (LALOR, 1997) ou *de 1907* (SANTAELLA) e concebida muito provavelmente entremeada com outras importantes tripartições do interpretante – divide-os nos seguintes termos:

“o primeiro efeito próprio de significado de um signo é um sentimento por ele produzido, isto é, o interpretante *emocional*. O interpretante *energético* é qualquer efeito posterior que venha a ser produzido por um signo; isto sempre envolverá um esforço mental ou muscular e sempre será mediado por um interpretante emocional”. (CP 5.475)

Ao terceiro interpretante dessa tricotomia, o *lógico*, Peirce descreve como “o significado de um conceito” (CP 5.476). A ordinalidade dessa tricotomia – talvez colocada em dúvida, fosse considerado com demasiada força o conectivo “ou” da definição anterior (CP 4.536) – aparece nesta última (CP 5.475 e 5.476) nitidamente definida. Seguindo essa lógica, Peirce acredita que o interpretante lógico obrigatoriamente implicará o energético e o emocional.

Numa outra carta datada de 1904, endereçada a Lady Welby – dama de honra da Rainha Vitória e conhecida estudiosa da Semântica –, Peirce define o signo como “um objeto que, de uma parte, está em relação com seu objeto e, de outra parte, com um interpretante, de maneira tal a colocar o interpretante para com o objeto numa relação que corresponde à sua própria relação com o objeto” (PEIRCE, 1972: 143). Logo a seguir, detalha melhor esse

³⁴ Essa metáfora do mapa é utilizada por Peirce em uma de suas definições do signo de 1903, nos Manuscritos.

conceito afirmando que o signo “tem [...] três interpretantes, seu interpretante como representado ou como se desejava que fosse entendido, seu interpretante como é apresentado e seu interpretante em si mesmo” (*ibidem*).

Essa definição, por seu turno, prenuncia a *tricotomia do interpretante de 1904-1909* – período de seu desenvolvimento principal –, que o subdivide em interpretante *imediate* – “o efeito possível pertinente imediato em sua inteireza primitiva inanalizada (*unanalyzed*)” –, interpretante *dinâmico* – “o efeito atual produzido sobre um dado interpretador numa dada ocasião num dado estágio de sua consideração do signo” – e interpretante *final* – “o efeito último do signo, tanto quanto se pretendia ou destinava, do caráter do signo, sendo mais ou menos de uma natureza habitual e formal” (PEIRCE, “*Manuscritos de 1906*”, *apud Hoffmann, s/d*).

A aparição da intenção semiótica nessa subdivisão do efeito de sentido da semiose, evoca o conceito de quase-emissor (*quasi-utterer*), que pode atualizar sua intenção comunicativa, de criador-emissor do signo em relação ao que dele possivelmente compreenderá o quase-interpretador (*quasi-interpreter*). É razoável, portanto, entender essa tricotomia como bastante determinada pelo grau ou quantidade de informação significada no processo semiótico, considerada sua natureza geracional, mesmo que *in abstracto*. Sua divisão em três níveis não impede a consideração de um espectro contínuo, que vai de baixos a altos graus de informação, como Santaella (2000: 67) e outros importantes autores, caso de Marty e Johansen, parecem concordar.

Em suma, o interpretante parece uma personagem-chave do processo de semiose por ser, intrinsecamente, o elemento que garante ao signo sua “triadicidade”, aquilo que determina sua pertinência à dimensão fenomenológica da terceiridade – seja no modelo global-triádico-simétrico, mais abstrato, seja no analítico-triádico-assimétrico, mais concreto, de Marty –, implicando o engendramento – atual, no signo genuíno, ou virtual, no signo deengendrado – da mediação entre o *representamen* e o objeto. A participação do interpretante no processo comunicativo-dialógico – e, mesmo aí, ele não deve ser confundido com a pessoa, psique, animal, vegetal, mineral ou dispositivo interpretador – é também fundamental, a considerar sua possibilidade de ativação co-dependentemente condicionada à presença de uma quase-mente.

Foram destacados também alguns pontos de similaridade entre o modelo semiótico peirceano e alguns conceitos do paradigma holonômico da física pós-quântico-relativista – paradoxalidade, não-linearidade, complexidade, simplicidade, fractalidade, autopoiese, auto-consistência, iteratividade – como base sobre a qual o capítulo que segue tratará aspectos concretos e razoáveis de sua aplicação prática para analisar, reconstruir e melhor compreender o mundo pós-newtoniano-cartesiano em que vivemos.

3. Das tricotomias do interpretante peirceano e de suas perspectivas pragmáticas de análise e criação semiósicas

[...] conseqüentemente não levarei minha divisão sistemática dos signos mais adiante, mas deixarei a tarefa para futuros exploradores.³⁵

Peirce (CP 8.343)

O presente estudo deve muito às profundas reflexões realizadas por Lúcia Santaella, respeitada estudiosa da obra filosófica, em geral, e da semiótica, em particular, de Peirce, assim como ao estímulo do próprio pensador às futuras explorações de suas idéias. No livro “Teoria Geral dos Signos”, Santaella dedica todo o capítulo 3 ao interpretante, fazendo uma extensiva análise aqui tomada como principal ponto de partida. A diferença entre aquele trabalho e este, repousa no tratamento mais exclusivo da questão e pela pretensa geração de novas perspectivas relacionadas a sua aplicação pragmática neo-paradigmática, o que exigiu tratamento ainda mais detalhado e extensivo do conceito peirceano. Outra diferença importante entre os dois é que, enquanto Santaella afirma que sua “intenção não é pôr as controvérsias em discussão” (2000: 66)³⁶, a deste estudo é partir justamente delas como estímulo para buscar e ensaiar novas condições de aplicação dessas tricotomias a fenômenos semióticos cotidianos, ou seja, não apenas a signos genuínos, mas também e principalmente aos deengendrados em algum grau.

Num estudo publicado em 1985, Jørgen Dines Johansen descreve como Peirce divide, de três diferentes modos, o seu interpretante. Assim resumido por Santaella (2000: 66):

O primeiro, cuja origem remonta a 1867 (cf. CP 2.391-2.430), está baseado na distinção entre a essencial, a informada e a substancial extensão (*breadth*) e profundidade ou compreensão (*depth*) de

³⁵ “[...] therefore I will not undertake to carry my systematical division of signs any further, but will leave that for future explorers”.

³⁶ Vale notar que, em obras posteriores, Santaella parece optar por uma das versões apresentadas por ela em 1995. No recente “O método anti-cartesiano de C. S. Peirce”, reafirma não estar no horizonte do trabalho participar dessa controvérsia, embora reconheça que “sem a complexa teoria do interpretante lógico, desenvolvida por Peirce (...) não há como compreender sua revisão do pragmatismo” (SANTAELLA, 2004: 203).

um símbolo. Diz Johansen que “esta divisão tem dois aspectos, uma vez que ou o interpretante pode medir a quantidade de informação de um símbolo num estado de conhecimento dado, ou ele pode significar o processo através do qual um conhecimento maior pode ser adquirido” (p. 243). Johansen salienta que esta divisão do interpretante é a mais ampla e genérica, visto que, para sua caracterização, Peirce estabeleceu dois limites imaginários ideais no processo de interpretação: de um lado, este processo é definido como um estado mínimo de informação e, de outro lado, como um estado máximo de informação, pressupondo um estado de conhecimento perfeito e acabado. Evidentemente, qualquer interpretante dado situa-se sempre entre esses dois extremos imaginários, de modo que os extremos apenas funcionam como limites de referência para a constituição do processo.

Por ser uma divisão da primeira fase do pensamento peirceano, ainda não encontra esteio nem em idéias estabilizadas sobre o funcionamento triádico do interpretante, nem em uma terminologia mais claramente definida. No entanto, traz já a idéia seminal de que o interpretante do signo desempenha um papel crucial no próprio processo de conhecimento.

3.1 Da tricotomia de 1906 ou *tricotomia comunicacional do interpretante*

A terceira divisão mencionada por Johansen, apresentada por Peirce num rascunho de carta de 1906 a Lady Welby, aparece para classificar situações específicas de comunicação verbal (LALOR, 1997), onde o diálogo esteja presente (PEIRCE *apud* Santaella, 2000: 68):

Há o interpretante Intencional, que é uma determinação da mente do emissor; o interpretante Eficiente (*effectual*) que é uma determinação da mente do intérprete; e o interpretante Comunicacional, ou melhor, o *Cominterpretant*, que é uma determinação daquela mente na qual as mentes do emissor e do intérprete têm de se fundir a fim de que qualquer comunicação possa ocorrer. Esta mente pode ser chamada de *Comens*. Ela consiste de tudo aquilo que, de saída, é e deve ser bem compreendido entre emissor e intérprete a fim de que o signo em questão cumpra sua função.

Essa classificação do interpretante inspira três reflexões. A primeira, mais evidente, remete à sua proximidade com os conceitos previamente explorados de quase-emissor e quase-receptor como aspectos da quase-mente, condição de realização ou ativação do signo. A segunda, mais sutil, é a percepção de um caráter intermediário entre essa classificação e as duas principais tricotomias (de 1906 e de 1904-1909), citadas no capítulo anterior, pois, tomando por exemplo a primeiridade delas, a intencionalidade da emissão de um signo combina aspectos de potencialidade, que precedem a própria emissão, a aspectos de emocionalidade, que precedem e criam o desejo ou a necessidade da emissão *signica*³⁷. A terceira, permite identificar o esboço do conceito de mente (*mind*) cósmica, não-psicológica,

³⁷ Vale notar que o verbo “preceder” está, nesse caso, sendo aplicado num contexto abstrato, de forma ordinal, ou seja, também válido para uma condição não-temporal de modelagem da semiose.

apresentado por Peirce em sua doutrina do Sinequismo (*Synechism*), isto é, da continuidade e da generalidade real, ou seja, da tendência de todas as coisas se tornarem regulares pelo caminho do hábito. É justamente dessa qualidade especial dos signos que a semiótica peirceana extrai um de seus maiores valores, qual seja, a potencialidade de compreender a linguagem do cosmos, sem os limites tradicionais das demais abordagens semióticas, seja da linguagem verbal, seja da linguagem humana.

Embora seja muito pouco utilizada, essa tricotomia apresenta um grande interesse para as análises que necessitem compreender em detalhe os aspectos dialógicos e comunicacionais dos processos semióticos, tais como os encontrados nos meios de comunicação social e na arte.

3.2 Da tricotomia de 1904-1909 ou *tricotomia geracional do interpretante*

Intencionalmente foi postergada para esse momento a segunda divisão citada por Johansen, pois ela é a *tricotomia de 1904-1909*, hoje a mais conhecida delas, do interpretante imediato, dinâmico e final, apresentada no capítulo anterior. Descartando a primeira e terceira tricotomias citadas por Johansen – a primeira, por sua demasiada abstração e vinculação exclusiva a um tipo de signo, o simbólico, e a terceira por sua estreiteza, pois depende de “situações dialógicas” –, Santaella elege essa divisão, iniciada em 1904 como uma das duas mais importantes tricotomias desenvolvidas na obra de Peirce, lado à *tricotomia de 1906-1907*.

Para compreender melhor essa tricotomia, vale ainda o apoio no extensivo exame conceitual dos “momentos lógicos do interpretante” de Santaella (2000: 68-77), que começa por analisar o *interpretante imediato* a partir de sete diferentes conceituações de Peirce. No seu conjunto, tais definições levaram-na às seguintes conclusões (idem: 72):

- a) “é uma possibilidade de sentido ainda não-atualizada, mas que está contida no próprio signo, pois este deve ter sua interpretabilidade peculiar”;
- b) diz respeito “a uma interpretabilidade do signo como uma função da sua estrutura interna” e
- c) é “isento de mediação e análise”.

Portanto, esse interpretante fundamenta a cadeia de produção de sentido segundo a lógica das categorias faneroscópicas, isto é, constitui-se como elemento de primeiridade,

qualitativo e potencial, ao modo dos processos inanalizados e virtuais que tipificam tal categoria.

É consenso, entre os diversos estudiosos dessa questão, que o *interpretante dinâmico* “é o efeito efetivamente produzido pelo signo num ato de interpretação concreto e singular”, como “significado do signo *in concreto*, isto é, o fato empírico de apreensão do signo”, aponta Santaella (2000: 73). Indiscutível, portanto, seu pertencimento à categoria da segundidade fenomenológica, das singularidades e concretudes diádicas da realidade ou realização.

Quanto ao *interpretante final*, retornam com ele as dificuldades multiplicadas, pois o termo utilizado para nomeá-lo pode induzir a uma visão estática do signo, que concluiria então seu processo, quando na verdade o sentido de final, nesse contexto, é mais o de finalidade que o de término. Santaella esclarece que, como parte de um processo sem início e sem fim, esse interpretante melhor se define “como um limite ideal, aproximável, mas inatingível, para o qual os interpretantes dinâmicos tendem” (2000: 74). Para confirmar essa tese, a semioticista cita diversos outros nomes que a ele deu Peirce, por intermédio de uma análise de David Savan, quais sejam: “Destinado” (para onde o significado se dirige), “Normal” (no sentido de aderente a uma norma) e “Intencionado” (como resultado pleno das possibilidades que possuía quando ainda interpretante imediato).

Entretanto, ainda resta compreender a diferença entre o primeiro e o último interpretantes, imediato e final, ambos teóricos, abstratos e vinculados ao potencial semiótico do signo. Uma leitura estática do signo tende a ocultar essa diferença, fato que Joseph Ransdell vai demonstrar com a consideração dos aspectos dinâmicos do signo. Sua argumentação apóia-se na vagueza e indeterminação da circunscrição do interpretante imediato em contraste com o conjunto “de todos os poderes que um dado signo manifestaria quando ele tivesse mostrado tudo que ele poderia ser – tudo que ele poderia fazer – como signo” (RANSDELL *apud* Santaella, 2000: 77).

Assim, se o interpretante de um signo é, ele próprio, um novo signo de objeto assemelhado – o que cabe bem para o interpretante dinâmico –, o interpretante imediato é determinado pelo potencial de sentidos diversos que o objeto traz em sua relação com o quase-emissor, enquanto o interpretante final se determina pela realização plena dos sentidos que o objeto terá permitido ao quase-interpretador, se lhe fosse dada tal condição ideal. No seu conjunto, portanto, é defensável que o coração da ativação do signo pela quase-mente encontra-se no interpretante dinâmico, ponto mediador dos extremos dessa tricotomia. Essa

conclusão pode levar a identificar tal tricotomia mais propriamente com o signo *in abstracto* do que com o signo *in actu*, mais próximo do interpretante dinâmico.

Outra característica percebida nessa divisão do interpretante, induzida pela terminologia que utiliza, é a de que sua suposta linearidade temporal, alinhada a passado, presente e futuro, permitiria concluir por sua direcionalidade estrutural, caminhando do indeterminado ao determinado. No entanto, parece mais consistente com a visão peirceana o alinhamento de um interpretante não realizado com o presente (imediate), o futuro (dinâmico) e a eternidade (final), mantendo algum grau de indeterminação no processo semiótico.

Essas são as prováveis razões pela qual todos os estudos a que se teve acesso na presente investigação tendem a dar ampla precedência a essa tricotomia, aqui denominada *geracional* por seu evidente foco no processo de criação, concepção ou evolução semiótica. Parece que a dinamicidade da semiose modelada por Peirce sustenta-se, também “*avant la lettre*” e contrariamente às conclusões clássicas (lineares, deterministas e temporais), na crença sobre a imprevisibilidade intrínseca ao processo de criação de sentido.

3.3 Da tricotomia de 1906-1907 ou *tricotomia “effectual” do interpretante*

Como já apontado, essa divisão do interpretante parece ter sido inicialmente desenvolvida em paralelo com outras formas de encarar o interpretante, tendo posteriormente recebido a denominação de tricotomia de 1906 em função de sua primeira aparição naquele ano (SHORT, 1982 *apud* Lator, 1997). Santaella prefere denominá-la classificação de 1907, por identificar sua melhor definição nos “*Manuscritos*” desse ano (2000: 78), quando Peirce identifica o interpretante emocional, energético e lógico com “sentimentos, esforços e mudanças de hábitos”. Mas é nos “*Collected Papers*” de Peirce que se encontra uma definição ilustrada e bem detalhada de cada um desses interpretantes:

Ora o problema do que é o “significado” de um conceito intelectual só pode ser resolvido pelo estudo dos interpretantes, ou dos próprios efeitos significados, dos signos. Sobre eles chegamos a três classes gerais com importantes subdivisões. O primeiro efeito próprio significado por um signo é um sentimento produzido por ele. Há quase sempre um sentimento a que chegamos como evidência de que compreendemos o próprio efeito do signo, embora o fundamento de verdade nesse caso seja frequentemente muito pequeno. Esse “interpretante emocional”, como o denomino, pode importar a muito mais do que aquele sentimento de reconhecimento; e em alguns casos, ele é o único próprio significado que o signo produz. Assim, a performance de uma peça de música orquestral é um signo. Ela carrega, e é o que pretende carregar, as idéias musicais do compositor; mas essas usualmente

consistem meramente numa série de sentimentos [...].³⁸ (CP 5.475)

O exemplo escolhido por Peirce é bastante esclarecedor da natureza afetiva desse primeiro estágio qualitativo da constituição do significado de um signo, pois a música apresenta, especialmente para os não-músicos, uma forte carga de emoção, diversamente da literatura que vai apelar com maior vigor para outros efeitos secundários e mediatos de ação e de intelecção, mais característicos das próximas categorias:

[...] Se um signo produz algum outro efeito próprio de significado, ele o fará por meio da mediação do interpretante emocional, e tal efeito posterior sempre envolverá um esforço. Eu o chamo de interpretante energético. O esforço pode ser muscular, como no caso de um comando para baixar armas; mas é muito mais comum um esforço no Mundo Interior, um esforço mental. Ele jamais pode ser o significado de um conceito intelectual, pois é um ato singular, [enquanto] tal conceito é de natureza geral. Mas que outro tipo de efeito ainda pode existir?³⁹ (CP 5.475)

Antes de responder a tal questão, vale destacar com Santaella que o interpretante energético vai aparecer como a realização de esforços musculares, quando a um signo respondemos com uma intervenção física no mundo material, ou de esforços mentais, quando manipulamos “imagens do nosso mundo interior” (2000: 79). Para dar seguimento ao exemplo de Peirce, poder-se-ia afirmar que o bater do pé no chão no ritmo da obra musical ou o esforço de descobrir quem é o seu compositor correspondem respectivamente a esses dois tipos de interpretante energético.

A descoberta do compositor seria uma resposta, também, à pergunta de Peirce quanto ao efeito que ainda pode existir. Se se chega ao nome de Beethoven, corretamente ou não, o

³⁸ “Now the problem of what the “meaning” of an intellectual concept is can only be solved by the study of the interpretants, or proper significate effects, of signs. These we find to be of three general classes with some important subdivisions. The first proper significate effect of a sign is a feeling produced by it. There is almost always a feeling which we come to interpret as evidence that we comprehend the proper effect of the sign, although the foundation of truth in this is frequently very slight. This “emotional interpretant”, as I call it, may amount to much more than that feeling of recognition; and in some cases, it is the only proper significate effect that the sign produces. Thus, the performance of a piece of concerted music is a sign. It conveys, and is intended to convey, the composer’s musical ideas; but these usually consist merely in a series of feelings [...]”.

³⁹ “[...] If a sign produces any further proper significate effect, it will do so through the mediation of the emotional interpretant, and such further effect will always involve an effort. I call it the energetic interpretant. The effort may be a muscular one, as it is in the case of the command to ground arms; but it is much more usually an exertion upon the Inner World, a mental effort. It never can be the meaning of an intellectual concept, since it is a single act, [while] such a concept is of a general nature. But what further kind of effect can there be?”.

interpretante incorpora o nível lógico, pois se torna a conclusão ou o “entendimento geral produzido pelo signo” (*ibidem*). Como o define Peirce:

Avançando para certificar-se da natureza desse efeito, será conveniente adotar uma designação para ele, e eu o chamo de interpretante lógico, sem ainda determinar se este termo deverá se estender a qualquer coisa além do significado de um conceito geral, ainda que proximamente relacionado a ele, ou não.⁴⁰ (CP 5. 476)

A exemplo do ocorre em diversos tópicos de sua obra, Peirce deixa aqui em aberto a possibilidade de aplicação dessa categoria do interpretante a outros efeitos lógicos de sentido, o que será útil na proposta adiante apresentada.

Assim, respeitada a precedência ordinal de cada um desses interpretantes, parece legítimo denominá-lo “efectual”⁴¹, considerando-se seu foco nos efeitos provocados pelo signo seja no quase-emissor, no quase-interpretador ou, como resultado ulterior do processo, na quase-mente.

3.4 Das principais combinações das tricotomias do interpretante

Santaella vai concluir seu capítulo sobre as tricotomias do interpretante afirmando que “não é apenas na exegese de textos peirceanos que encontraremos respostas para a relação entre as duas tricotomias” que vêm sendo combinadas pelos principais estudiosos do assunto, “mas por meio de inferências por caminhos que parecem mais coerentes e consistentes com o todo da semiótica peirceana” (2000: 81). Tal afirmação serviu de estímulo para que, a partir de uma tentativa de compreender e classificar multidimensionalmente o interpretante, fosse empreendido o presente trabalho sem medo de, eventualmente, ousar propor algum avanço pragmático para os modelos atualmente em discussão. Foi portanto considerada a eventual necessidade de estendê-los onde for necessário para permitir uma melhor compreensão de um mundo mais complexo, descortinado pelas teses de um novo paradigma holonômico, isto é, baseado nos conceitos que, no capítulo anterior, demonstraram-se consistentes com a semiótica peirceana.

⁴⁰ “*In advance of ascertaining the nature of this effect, it will be convenient to adopt a designation for it, and I will call it the logical interpretant, without as yet determining whether this term shall extend to anything beside the meaning of a general concept, though certainly closely related to that, or not*”.

⁴¹ Foi aqui evitado o termo “efetivo” para manter clara sua conexão com as demais qualificações das tricotomias anteriores.

Segue Santaella para o fechamento do capítulo com a descrição de sua seleção dos “trabalhos que [...] constróem de maneira consistente as relações entre as duas tricotomias” (*ibidem*), a geracional e a efectual. Embora a autora reconheça diferenças entre as propostas de Savan e Buczinska-Garewicz, percebe que ambos defendem considerar a tricotomia emocional-energético-lógico como uma subdivisão exclusiva do interpretante dinâmico, posto que este é o único a efetivamente se realizar. A força do argumento repousa na definição peirceana da tricotomia efectual como “efeitos significados do signo” (*idem*: 82).

Lalor também concorda com tal posição, ainda que defenda o caráter puramente antrópico dessa última tricotomia (1997), cuja nomenclatura, reforçada pelos exemplos de Peirce, sugere uma referência humana. Entretanto, é bem conhecida a empresa peirceana de extensão da semiótica aos demais âmbitos cósmicos, o que foi tratado no capítulo primeiro.

Short (1981) e Johansen (1985), embora estejam de acordo quanto à aplicação da tricotomia efectual ao interpretante dinâmico, não vêem razão para não aplicá-la também às outras categorias da tricotomia geracional, apoiados numa tripartição do interpretante imediato feita por Peirce em CP 8.339 (SANTAELLA, 2000: 82).

Assim é que chegam a nove combinações possíveis, onde cada um dos três interpretantes geracionais – imediato, dinâmico e final – subdividem-se em “estágios” emocionais, energéticos e lógicos em um movimento dirigido à ulterior mudança de hábito (*idem*: 85), que tipificaria um interpretante final lógico. Essa linearidade temporal, todavia, pode ter utilidade pedagógica na descrição abstrata ou idealizada da semiose, mas não parece sustentável para descrever um processo cuja complexidade e multidimensionalidade fenomenológicas não se pode atualmente reduzir tanto.

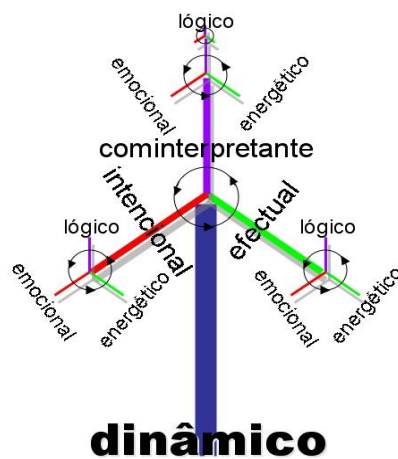
3.5 De uma nova proposta, complexa, triádica e pragmática, de combinação das tricotomias do interpretante

A riqueza de possibilidades analíticas e criativas presente no modelo das nove combinações ainda pareceram, entretanto, insuficientes para realçar no nível micro-semiósico a classificação dos fundamentais papéis interlocutórios ou dialógicos do processo de interpretação. Embora o papel da comunicação tenha sua relevância reconhecida há milênios, não há como negar o crescimento de sua complexidade ao longo dos quase cem anos que nos separam da morte de Peirce, período em que o telefone, o rádio, o cinema, a televisão e a

internet demarcam mais profundamente a cada dia seus efeitos determinantes em nossas vidas cotidianas.

Por essa razão, assim como Peirce começou em 1908 a combinar suas três tricotomias dos signos chegando não a 27, mas a 10 classes válidas – excluídas as consideradas, após exame reflexivo do pensador, pragmaticamente inconsistentes –, foram realizados nessa investigação alguns experimentos combinando a tricotomia comunicacional às tricotomias geracional e efectual, em busca de uma similar possibilidade de classificar com maior clareza e precisão a diversidade hermenêutica da teia semiótica de que fazemos parte, analisando também sua consistência.

O seguinte diagrama resultou de um exercício combinatório onde, a partir da previamente inferida fractalidade do modelo sêmico peirceano, tentou-se representar os desdobramentos de um dos interpretantes geracionais em duas outras tricotomias:



Da mesma forma, cada um dos outros dois interpretantes geracionais pode se formar a partir de combinações comunicacionais e efectuais. Como ocorre com os tipos de signos – que não se restringem a apenas uma classe, mas apresentam aspectos mais determinantes que outros na relação entre suas partes –, também os interpretantes se comportam como complexos dos quais se pode analisar a dominância em situações singulares de significação em que diversas modalidades de interpretante aparecem combinadas. Também se pode pensar no processo de interpretação segundo uma perspectiva de criação semiótica, presumindo que

o signo vá engendrar determinadas condições desejadas de atualização ou de tendência, o que pode aprimorar diversas funções da linguagem vinculadas à intencionalidade do emissor.

A base desse diagrama e dos mencionados experimentos combinatórios dos tipos de interpretantes encontra-se na seguinte matriz de simplificação das três tricotomias já descritas:

Geracional	Comunicacional	Efectual
1.Imediato (potencial de)	1.Intencional (emissão de)	1.Emocional (sentimento)
2.Dinâmico (realização de)	2.Efectual (recepção de)	2.Energético (movimento)
3.Final (tendência de)	3. <i>Cominterpretante</i> (síntese de)	3.Lógico (pensamento)

Tendo ainda por referência as classes sígnicas de Peirce, procurou-se identificar relações de primeiridade, segundidade e terceiridade que permitiriam ordenar essas tricotomias e eliminar as possibilidades inconsistentes. No entanto, depois dos mais diversificados exercícios, parecem inexistir inconsistências, provavelmente porque diversamente do signo, que se compõe de um elemento monádico, o representamen, um diádico, o objeto, e um triádico, o interpretante, esse último não se subdivide em elementos monádicos ou diádicos, mas sim em primeiridades de terceiridades, segundidades de terceiridades e terceiridades de terceiridades, o que faz com que todas as suas tricotomias sejam triadicamente engendradas e combináveis sem inconsistência alguma.

É natural que nos fenômenos semióticos, especialmente nos signos deengendrados, as assimetrias citadas no estudo de Marty (2005) apareçam como ênfases ou ausências de determinados aspectos interpretativos de uma semiose. Todavia, se de fato as três subdivisões do interpretante se apresentarem como terceiridades, não deve ser difícil encontrar exemplos concretos de cada uma das 27 possíveis tríades combinatórias. Como demonstração, apresenta-se a seguir uma tabela cujo julgamento, em termos de razoabilidade, fica a cargo do leitor:

1.1.1	Imediato intencional emocional	Sentimento secreto de amor
1.1.2	Imediato intencional energético	Tensão do jogador de futebol imediatamente antes de cobrar o <i>penalty</i>
1.1.3	Imediato intencional lógico	Possibilidades de resposta racional a uma pergunta
1.2.1	Imediato efectual emocional	Potencialidade de sensações perante uma peça musical

1.2.2	Imediato efectual energético	Reações físicas possíveis a um beijo inesperado (tapa, sorriso, outro beijo)
1.2.3	Imediato efectual lógico	Léxico de um termo
1.3.1	Imediato cominterpretante emocional	Possibilidades de acordo afetivo entre um casal
1.3.2	Imediato cominterpretante energético	Potencialidade de ações coletivas de um time desportivo
1.3.3	Imediato cominterpretante lógico	Hipóteses possíveis de correlação de premissas
2.1.1	Dinâmico intencional emocional	Sorrir
2.1.2	Dinâmico intencional energético	Pintar um quadro
2.1.3	Dinâmico intencional lógico	Escrever um artigo
2.2.1	Dinâmico efectual emocional	Sentir piedade de alguém
2.2.2	Dinâmico efectual energético	Responder a um sorriso com outro
2.2.3	Dinâmico efectual lógico	Ler um livro
2.3.1	Dinâmico cominterpretante emocional	Indignação coletiva com o atraso de um vôo
2.3.2	Dinâmico cominterpretante energético	Dançar um tango
2.3.3	Dinâmico cominterpretante lógico	Concluir um argumento
3.1.1	Final intencional emocional	Visceralidade
3.1.2	Final intencional energético	Tendência a agir para o bem comum
3.1.3	Final intencional lógico	Hábito de argumentar
3.2.1	Final efectual emocional	Sentimentalismo
3.2.2	Final efectual energético	Personalidade explosiva
3.2.3	Final efectual lógico	Racionalismo
3.3.1	Final cominterpretante emocional	Tendência a simpatizar
3.3.2	Final cominterpretante energético	Improvisar num grupo musical
3.3.3	Final cominterpretante lógico	Cosmogonia; sistema filosófico; TOE

Para facilitar a compreensão de cada uma dessas categorias, pode-se lançar mão dos conceitos-chave apresentados entre parêntesis na matriz das tricotomias. Dessa forma, o interpretante 2.1.3 ou “dinâmico intencional lógico” pode ser compreendido simplificadaamente como uma “realização de emissão de pensamento”, ou seja, uma palestra, um livro, um documentário ou qualquer *ato concreto* (2) de *emitir* (1) uma *idéia* (3).

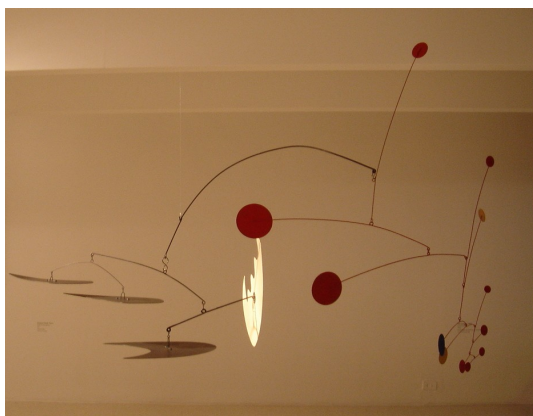
Uma crítica recebida por essa proposta⁴² foi a de que multiplicar as classes e nomenclatura peirceanas, consideradas já bastante complexas, seria prestar um desserviço à metodologia semiótica de investigação. Entretanto, tais combinações apresentam em situações práticas e concretas a capacidade de evidenciar determinadas sutilezas sobre as quais se constitui o processo de interpretação, permitindo, por exemplo, denunciar os meandros pelos quais um discurso oculta suas variáveis ideológicas, assim como facilitar, ao emissor de um signo, as condições de reforçar aspectos comunicacionais que melhorem o nível de interação dialógico com os seus potenciais interpretadores, evitando os tão comuns desvios e distâncias

⁴² Crítica realizada por José Maria Paz Gago, pesquisador da *Universidad de La Coruña* (Espanha), na conferência em que o modelo foi apresentado no *VI Congreso de la Federación Latinoamericana de Semiótica*, em Maracaibo (Venezuela), no dia 27/10/2005.

interpretativas, potenciais causadores de problemas de diversas ordens e dimensões, desde um pequeno mal-entendido a uma crise internacional.

Além do mais, a presente proposta não cria novos nomes, mas aproveita os que o próprio Peirce já definiu, apenas combinando-os em tipos característicos que, naturalmente, precisam ser estudados com maior vagar de forma a extrair-lhes novas compreensões sobre o processo interpretativo, tarefa que parece justificar o esforço para determinados tipos de investigação e experimentação semióticas.

Outra crítica recebida foi a de que classificar signos já era uma prática, em si mesma, estéril e improdutiva, e que fazer o mesmo com os interpretantes não seria diferente. De fato, não há divergência quanto a essa posição. No entanto, e não apenas na semiótica, a prática classificatória só tem sentido quando realizada como meio para atingir outros fins pragmáticos, tais como perceber de que forma a estrutura de um signo leva a determinados resultados ou de que forma se poderia aperfeiçoar as formas de interação no mundo concreto e real, o que este trabalho procura rapidamente ilustrar a seguir. Para esse exemplo de aplicação analítica das três tricotomias do interpretante a um signo real, específico e singular, foi escolhido um móbile de Calder, exposto no Museo de Arte Contemporáneo Sofia Imber em Caracas (Venezuela).



Abordado a partir da perspectiva geracional, o móbile constitui-se numa ampla gama de possibilidades interpretativas, pois além de ser composto de um conjunto de elementos de formato geométrico-abstrato (varetas, círculos e crescentes) passível de inúmeras interpretações, sua estrutura é móvel, dinamismo que multiplica a riqueza de seu interpretante imediato. Ao se realizar sua leitura por parte, digamos, de um público que não conheça a história da arte moderna e contemporânea, é razoável prever que o móbile seja identificado como similar a uma peça de decoração para quartos infantis. Todavia, ao invés desse limitado interpretante dinâmico, seu interpretante final tende para a expectativa de que o fruidor da

peça componha ou crie, a partir de sua própria vivência, os sentidos que a obra em sua alta imprevisibilidade apenas sugere, levando-o a desenvolver tal hábito mesmo para a interpretação de outros estilos artísticos hermeneuticamente menos abertos.

A tricotomia comunicacional vai enfatizar, para o interpretante intencional, a análise da obra como pergunta, levando à reflexão sobre o que o autor-emissor teria pretendido compartilhar ou sugerir com as escolhas que fez para estruturar o trabalho. O interpretante efectual do móbile calderiano traduz-se na deliberada indução do receptor a um esforço de resposta, ainda que a polissemia da obra seja evidente o bastante para que o público-interpretador perceba inexistir um sentido unívoco para descobrir-lhe. Se chega a ocorrer um cominterpretante, é sinal de que houve um diálogo entre o autor e o interpretador da obra a ponto de se criar um entendimento ou síntese mental. O signo desse interpretante não se restringe mais à obra, mas inclui algum grau de mudança na realidade semiótica da comunidade (*cominterpretant*) onde se realizou, aos poucos contribuindo para uma mudança de atitude ou hábitos nos artistas (*utterers*) e no público (*interpreters*).

A efetividade (ou “efectualidade”) do móbile de Calder encontra no interpretante emocional, por exemplo, o despertar de memórias afetivas de infância, das peças decorativas e dos jogos sem aparente utilidade, das sensações de surpresa e fascínio ante ao inesperado. Por sua configuração móvel, o interpretante energético da obra pode se configurar como uma tensão no corpo do interpretador, gerada a partir do desejo, real ou imaginário, de tocar as peças e fazê-las se moverem. Isso pode induzi-lo a circular em torno da obra, o que seria uma manifestação concreta do efeito ou interpretante energético. Imaginá-las se movendo na mente pode ser um passo na direção do interpretante lógico, que pode emergir como passo precedente à reflexão intelectual generalizante sobre os pressupostos estéticos da obra, as mudanças na arte contemporânea, seus estilos ao longo da história etc.

Para concluir essa rápida análise passando em revista a lista das 27 categorias do interpretante, destaca-se no móbile a do *interpretante final efectual energético*. Para o fruidor, especialmente o que acompanha com maior interesse as mudanças do último século, o interpretante final efectual energético (3.2.2 ou tendência de recepção de movimento) da obra de Calder sugere exercitar uma postura ativa, cujo hábito pode lhe gerar uma atitude mais consciente de seu papel ativo também em outras esferas da vida política.

Assim, se um artista dispõe dessas tricotomias como instrumento para refletir sobre seu trabalho, é possível que lhe seja mais fácil decidir sobre aspectos da criação que o levem a

determinado tipo ou nível de diálogo com o público a que se dirige. O mesmo se aplica a qualquer profissional que tenha a linguagem como fator de alta relevância em sua prática.

As perspectivas de aplicação prática dessas tricotomias do interpretante, realmente estereis se aprisionadas à pura classificação, parecem ricas quando se tem em mente a necessidade de aprimorar a ação comunicacional e o conhecimento humanos, especialmente quando tão mediados por dispositivos técnicos, como os meios de difusão de massa ou as novas tecnologias de informação e comunicação. Mais do que um modelo específico para os profissionais de comunicação, parece ser também importante para todas as áreas científicas em que a linguagem desempenhe um papel crucial, tais como matemática, direito, relações internacionais, sociologia, antropologia, psicologia, psicanálise, filosofia, arte e muitas outras.

À guisa de conclusão: modelos complexos para tempos complexos

Após situar a semiótica na triádica arquitetura peirceana das ciências, este trabalho procurou demonstrar, no capítulo primeiro, que as categorias faneroscópicas desvelam a natureza fractal e complexa do fenômeno da significação, fato hoje menos surpreendente do que à época em que Peirce desenvolveu sua filosofia. Tal natureza aparece com muitas evidências, desde as dimensões mais amplas, de constituição e inter-relação das ciências, até as mais específicas, como as de constituição e interação das partes que compõe o signo. Compreender a (fenômeno)lógica que os rege fez-se necessário à presente investigação para tentar evitar tanto uma visão “psicologista” do processo interpretativo, quanto uma análise mecanicista da semiose, como aquelas encontradas amiúde nas abordagens semióticas superficiais. Tal compreensão, calcada na profundidade faneroscópica subjacente à noção de signo, contribuiu para dirigir o presente estudo a uma pretensa contribuição ao ideal pragmaticista da razoabilidade concreta.

Tendo esse ideal como referência, o capítulo analisou extensivamente o conceito nuclear de signo, enfatizando seus aspectos comunicativos ou dialógicos, explícitos nos conceitos um tanto negligenciados de quase-emissor, quase-interpretador e quase-mente, de modo a preparar a análise do processo de interpretação e suas subdivisões tricotômicas.

A análise do interpretante do signo, no segundo capítulo, partiu de sua paradoxalidade – de sua simultânea objetividade e vagueza – e de sua iteratividade – que lhe descortina o caráter fractal – para propor um modelo diagramático de semiose mais detalhado do que os encontrados na literatura. Esse modelo evidenciou com maior clareza a infinitude do processo interpretativo, em todas as direções das partes componenciais do signo, demonstrando-lhe a multidimensionalidade e a natureza autopoietica.

No mesmo capítulo, ficou estabelecida a equivalência entre interpretador e quase-mente, como funções interdependentes do processo semiótico, o que permitiu concluir que vivemos num universo semiótico autoconsistente, assim como reconhecer diversas proximidades entre o sistema filosófico peirceano e a visão de mundo holonômica construída pela física pós-relativística.

Essas conclusões, por sua vez, foram a base de sustentação do capítulo terceiro, que detalhou as principais formas de subdivisão do interpretante desenhadas por Peirce, aqui

nomeadas tricotomia comunicacional, tricotomia geracional e tricotomia efectual. Foram então revisadas as principais propostas de combinação daquelas tricotomias, feitas por estudiosos da obra peirceana, combinações essas restritas, até o momento, às duas tricotomias mais conhecidas: a geracional e efectual. Todavia, em função da insatisfação com a ausência da dimensão dialógica, tão relevante no conceito de signo trabalhado no capítulo anterior, foi acrescentada à proposta de Short e Johansen a combinação da tricotomia comunicacional, donde resultaram 27 possíveis tipos de interpretante.

Tal ênfase à perspectiva comunicacional foi dada por crer-se que ela valoriza, numa perspectiva semiótica, o diálogo de que tanto carece a humanidade em crise nessa pós-modernidade do terrorismo, dos conflitos nacionais e internacionais, dos massacres “religiosos”, da intolerância etnocêntrica, da exploração da mais-valia, do trabalho infantil e até mesmo do escravagismo. Não se crê, pois seria ingenuidade confundir meios e fins, que a comunicação e o diálogo sejam a solução para tais problemas. Entretanto, muito se pode aclarar nas relações, quando se dispõe de uma melhor compreensão do funcionamento da linguagem, quando se é capaz, ao menos, de apartar do “*imbroglio*” as eventuais diferenças paradigmáticas, culturais, regionais e individuais dos atores implicados nos problemas onde a compreensão e o consenso possam ser a via de solução.

Por essa razão, em defesa de um modelo mais pleno de compreensão da interpretação – e “uroboricamente” também de interpretação da compreensão –, faz-se necessário assumir uma posição ideologicamente afinada com o câmbio de paradigma anunciado pela física pós-quântico-relativista, que – a partir de teses como as da teoria do caos, da complexidade, da holonomia, renunciadas e tão consistentes com o arcabouço paradigmático do pensamento de Peirce⁴³ – hoje pede um movimento revolucionário contra os “eternos” neo-mecanicistas, nitidamente alinhados com o poder estabelecido, o *status quo* e as estruturas hierarquizadas.

É com o objetivo de por a nu o extremo desequilíbrio de nossas práticas dialógicas que se propõe essa nova matriz interpretacional e suas 27 categorias, cujo principal potencial se encontra em permitir uma detalhada avaliação qualitativa dos signos – que realizam nosso pensamento pervadindo a filosofia, ciência, moral, sentimentos, percepção e vida cotidiana –, por intermédio da interposição de uma potente lente de aumento no interpretante, na coroação

⁴³ Apel, entre diversos estudiosos que reconhecem essa tese, afirma que “no início de sua análise do tempo, Peirce parece já ter adotado um modo de observação que poderia ter levado ao pleno desenvolvimento dessa análise como Heisenberg a apresentou” (1995: 190).

do único processo capaz de nos levar a comportamentos coletivos razoáveis. Como sintetiza Apel, a partir de uma análise do pragmatismo de Peirce e de Dewey, nossa ação como mediadores inteligentes (Dewey) está historicamente ligada com a relação “entre o processo de habitualizar uma progressiva cognição da realidade (Peirce) e o processo de habitualizar uma orientação ética dirigida a aperfeiçoar e completar a realidade (Peirce)” (1995: 182).

Como aponta Santaella, “o mundo está se tornando cada vez mais complexo, hiperpovoado de signos que estão aí para serem compreendidos e interagidos” (2000: 4). A física do século XX veio a confirmar, na esfera da própria matéria, essa complexidade. Para tempos em que acelerada e inelutavelmente se realiza o prognóstico peirceano do profuso crescimento dos signos, justifica-se a necessidade de aprimorar modelos capazes de representá-los com graus cada vez maiores de explicitude e clareza.

Se ao sistema filosófico peirceano se pode antepor inumeráveis críticas e expor-lhe as limitações – algo que não desagradaria ao próprio Peirce, defensor do falibilismo e um dos primeiros a reconhecer a verdade, mesmo a científica, como crença –, há que se reconhecer a propriedade e mesmo o brilhantismo de muitas de suas idéias, hoje de uma utilidade inegável. Tanto é que tarda, mais do que deveria, colocar a ciência – e sua epistemologia – em caminhos éticos, pautados pelo ideal de conduta auto-controlada, visando ao bem comum, em que uma admiração estética, sem razão ulterior, pela riqueza e valor equânime de todas as formas de vida, levem-na à busca pragmática da razoabilidade concreta, conceito peirceano que sintetiza o ideal ou meta final de todo ser humano em práticas harmônicas de sentimento, ação e pensamento, se alguma ingenuidade ainda nos for permitida.

[S]e [...] queremos uma coexistência humana com mútuo respeito e respeito à natureza, então podemos usar a filosofia e a ciência [...] sem cairmos nas armadilhas que as teorias filosóficas e científicas nos preparam, quando agimos sem a consciência de suas formas de constituição.

Humberto Maturana⁴⁴

⁴⁴ “Cognição, ciência e vida cotidiana” (2001: 171).

Referências Bibliográficas

- ANDERSON, Douglas R. *Strands of system: the philosophy of Charles Peirce*. West Lafayette, Indiana: Purdue University Press, 1995.
- APEL, Karl-Otto. *Charles Sanders Peirce: from pragmatism to pragmatism*. New Jersey: Humanities Press, 1995.
- . *Transformação da filosofia II*. São Paulo: Loyola, 2000.
- DEELY, John. *Basics of Semiotics*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990.
- DEUSER, Hermann. “Charles Sanders Peirce: semiótica categorial e pragmatismo” in Fleischer, Margot & Henningfeld, Jochem (orgs.) *Filósofos do século XIX*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2000.
- FEIBLEMAN, James K. *An introduction to Peirce’s philosophy interpreted as a system*. New Orleans, Louisiana: The Hauser Press, 1946.
- HOFFMANN, Michael. *The 1903 classification of triadic sign-relations*. Campinas: Unicamp, s/d. Disponível em: <<http://www.digitalpeirce.fee.unicamp.br/hoffmann/sighof.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2005.
- HOUSER, Nathan; KLOESEL, Christian. *The essential Peirce Volume 2*. Indiana: Indiana University Press, 1998. Disponível em: <<http://www.iupui.edu/~peirce/ep/ep2/intro/ep2intro.htm>>. Acesso em: 04 ago. 2005.
- JOHANSEN, Jørgen D. “Prolegomena to a semiotic theory of text interpretation” in *Semiotica* 57 vol. 3, pp. 225-288, 1985.
- LALOR, Brendan. *The classification of Peirce’s interpretants*. Oklahoma: University of Central Oklahoma, 1997. Disponível em: <<http://thereitis.org/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=8&meid=>>>. Acesso em: 30 jun. 2005.
- MARTY, Robert. *76 définitions du signe de C. S. Peirce et leur analyse*. Disponível em: <<http://www.univ-perp.fr/see/rch/lts/marty/76defeng.htm>>. Acesso em: 26 jul.2005.
- MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2001.

- MERRELL, Floyd. *Introducción a la semiótica de C. S. Peirce*. Maracaibo, Venezuela: Asociación Venezolana de Semiótica, 1998.
- PEIRCE, Charles S. *Collected Papers*, vols. 1-8, C. Hartshorne, P. Weiss y A. W. Burks (eds). Cambridge, MA: Harvard University Press. Electronic Edition of J. Deely, Charlottesville, VA: IntelLex, 1931-1958.
- . *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- . *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- ROSENTOHN, William L. *The phenomenology of Charles S. Peirce*. Amsterdam: B. R. Grüner, 1974.
- ROSENTHAL, Sandra B. *Charles Peirce's pragmatic pluralism*. New York: State University of New York, 1994.
- SANTAELLA, Lúcia. *Estética: de Platão a Peirce*. São Paulo: Experimento, 1994.
- . *A teoria geral dos signos: como as linguagens significam as coisas*. São Paulo: Pioneira, 2000.
- . *Matrizes da linguagem e pensamento, sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- . *O método anti-cartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora Unesp, 2004.
- SHORT, Thomas L. "Semeiosis and Intentionality". *Transactions of the Charles Sanders Peirce Society* n. 17, pp. 197-223, 1981.